



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA RAIANA BARBOSA DOS SANTOS

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM DIÁLOGO COM A ESCOLA NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE**

**CAMPINA GRANDE
2021**

MARIA RAIANA BARBOSA DOS SANTOS

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM DIÁLOGO COM A ESCOLA NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação popular

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nelsânia Batista da Silva

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237e Santos, Maria Raiana Barbosa dos.

Extensão universitária [manuscrito]: um diálogo com a escola no desenvolvimento da criatividade / Maria Raiana Barbosa dos Santos. - 2021.

77 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Nelsânia Batista da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Extensão universitária. 2. Escola. 3. Cultura Literária.
4. Criatividade. I. Título

21. ed. CDD 378

MARIA RAIANA BARBOSA DOS SANTOS

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM DIÁLOGO COM A ESCOLA NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Educação da Universidade
Estadual da Paraíba como
requisito parcial, para obtenção
do título de Licenciada em
Pedagogia.

Aprovada em: 27/05/2021.

BANCA EXAMINADORA

Nelsânia Batista da Silva

Prof.ª Dr.ª Nelsânia Batista da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora

Patrícia Cristina de Aragão

Prof. Dr.ª Patrícia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

Maria do Socorro Moura Montenegro

Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
Examinadora

Aos meus pais, Maria Auxiliadora Barbosa dos Santos e José Geraldo dos Santos, que me incentivaram, desde a minha infância, a valorizar a escola como espaço de construção da aprendizagem e desenvolvimento humano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me fortalecer na caminhada ao longo desses anos na Universidade.

Meus singelos agradecimentos aos meus pais, Maria Auxiliadora e José Geraldo, que não mediram esforços durante minha jornada no ensino superior.

As minhas amigas Emilly, Patrícia e Paulina, integrantes do quarteto, meu nobre sentimento de gratidão, pois estavam comigo no decorrer do curso, e a Inaldete Meira, amiga afetuosa e de um coração gigantesco.

Registro um enorme carinho, embalado pela amizade construída no Projeto de Extensão *Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana*, que vai além dos muros do espaço universitário, a pessoa de Celâny Mélo, pois ela nunca soltou a minha mão; reavivou em mim a paixão pela leitura, contribuiu para o meu desenvolvimento humano e profissional, frutificou a sensibilidade humana, em tempos de devaneios sem horizonte. Tenho Celâny como coorientadora das práticas educativas, ensejadas no espaço escolar, enfim, sinto uma intensa admiração por ela.

Foi gratificante ter sido agraciada com a orientação da Prof^a. Dr^a. Nelsânia Batista, pois ela experienciou comigo a partilha dos tormentos e prazeres no processo de amadurecimento deste trabalho; não mediu esforços para reacender a minha esperança, sempre transmitiu amorosidade, compromisso e reciprocidade. Carrego seus ensinamentos como referência e inspiração, no ensejo de libertar um leque de possibilidades para minha formação docente.

Expresso meus agradecimentos às professoras, às gestoras, às famílias e às crianças que abrilhantaram o processo da troca de experiências no campo escolar, com suas participações florescentes.

Outrossim, meu obrigada às professoras do curso de Pedagogia (UEPB) – Campus I Campina Grande.

As pessoas vão deixando suas marcas, no decorrer das batalhas travadas na vida. Esses sujeitos são seres de luz: todos formam uma constelação de estrelas, cujo propósito é fazer meus dias mais felizes.

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se [...] Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança [...] (Paulo Freire)

O belo transforma nosso olhar e nos dá a sensação de integridade. Não há definição para ele, não há como julgá-lo, não há como recusá-lo ou dele escapar. Está presente em todas as coisas: nas artes, na natureza, nos seres humanos, nas descobertas permitidas pelo universo, no divino que se revela [...] (Rubem Alves)

RESUMO

A extensão universitária é possibilitadora da construção da dialeticidade entre universidade e instituições da sociedade, a exemplo da escola, por intermédio das atividades em projetos de extensão, as quais podem subsidiar um acesso mais amplo a várias dimensões da cultura, no sentido de impulsionar as formas de mobilizar a imaginação criativa dos educandos no contexto escolar. Nesse sentido, o objetivo maior deste estudo foi o de investigar como a extensão universitária, em diálogo com a escola, pode criar possibilidades para o desenvolvimento da criatividade. Para tal empreitada, este estudo contou com a participação de vinte e seis crianças e duas professoras do magistério, de uma escola do município de Soledade/PB, envolvidas na proposta do projeto de extensão *Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana*, desenvolvido pelo curso de Pedagogia, da UEPB, do campus I Campina Grande, nos anos de 2018 a 2019. Vale dizer que o projeto em questão foi embasado na lógica da participação coletiva e nos pressupostos da educação popular, em face da mobilização do acesso à cultura literária. O trabalho apresentou uma abordagem qualitativa, pautada no método da pesquisa-ação. A pesquisa adotou, para a coleta dos dados, o formato de entrevista semiestruturada, destinada às professoras, e questionário, sendo destinado aos alunos. Para a análise dos dados, o estudo em destaque lançou mão da perspectiva interpretativista. Constatou-se, com este estudo, que a leitura desperta a criatividade dos/as alunos/as, manifestada através da contação de histórias, poesia, dramatização, música, desenhos e produção de livros artesanais. Como fruto do projeto de extensão em destaque, realizaram-se duas ações pedagógicas, a saber: *Giro literário: saindo da caixinha* e *Clube da leitura: lidando com as emoções no mundo das diferenças*. O diálogo entre a extensão universitária e a escola do ensino básico revelou potencialidade nas práticas educativas, conduzindo o processo do projeto de extensão com a escola para o desenvolvimento da criatividade humana.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Escola. Cultura Literária. Criatividade.

ABSTRACT

The university extension is an enabler of the construction of the dialogue between the university and the institutions of the society, like the school, for example, through the activities in extension projects which can support broad access to various dimensions of the culture, in order to boost the forms of mobilizing the creative imagination of the students in a scholarly context. Therefore, the greater goal of this study was to investigate how the university extension, in dialogue with the school, can create possibilities for the development of creativity. For this purpose, this research counted with the participation of twenty-six children and two teachers, all of them from a school in the city of Soledade, state of Paraíba, involved in the proposal of the extension project named Education as a Mobilization of the Culture of Human Emancipation developed by the pedagogy course from the State University of Paraíba Campus I in Campina Grande during the years of 2018 and 2019. It is worthy to mention that this project was based on the logic of collective participation and the principles of popular education, in the face of mobilization to access to the literary culture. The work showed qualitative approach based on the action-research method. To collect the data, the research adopted the semi-structured interview format, which was destined for the teachers, and a questionnaire for the students. To analyze the data, this study made use of the interpretive perspective. This study showed that reading awakens the creativity of the students, manifested through storytelling, poetry, dramatization, music, drawing, and handmade book production. Two pedagogical actions were performed as results of the extension program, which are, the Literary Round: getting out of the box and the Reading Club: coping with emotions in the world of differences. The dialogue between the university extension and the basic school revealed potentiality in the educative practices, searching the process of extension program with the school to the development of human creativity.

Keywords: University Extension, School, Literary Culture, Creativity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exposição de livros no I Encontro de Extensão do Departamento de Educação....	32
Figura 2 – Grupo de extensão popular no I Encontro de Extensão do Departamento de Educação.....	32
Figura 3 – Visita a escola	34
Figura 4 – Reunião na UEPB	34
Figura 5 – Roda de contação de histórias, contendo, na caixa lúdica, textos autorais das crianças	37
Figura 6 – Desenho livre	38
Figura 7 – Cantinho da leitura na biblioteca da escola.....	39
Figura 8 – Cenário da exposição do sub-projeto na XX Semana da Cultura	41
Figura 9 – Culminância da ação <i>Giro literário: saindo da caixinha</i>	42
Figura 10 – Amostra das produções das crianças ao longo do ano de 2018	43
Figura 11 – Exposição dos livros artesanais, elaborados pelas crianças na culminância do subprojeto <i>Clube da leitura: lidando com as emoções no mundo das diferenças</i> (2019).....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados relacionados ao gosto pela leitura, a partir da ação <i>Giro literário, saindo da caixinha</i>	49
Quadro 2 – A frequência com relação à ida dos estudantes à biblioteca, com intuito de ler ...	49
Quadro 3 – Espaços mais votados na ocasião da leitura compartilhada	50
Quadro 4 – Relevância das rodas de leitura no percurso do projeto	51
Quadro 5 – Exposição teatral, poética e musical na XX Semana da Cultura.....	51
Quadro 6 – A leitura em família.....	52
Quadro 7 – Momentos marcantes, simbolizando o gosto dos estudantes pelo projeto	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CIAC – Centro de Integração Acadêmica

CPC – Centro Popular de Cultura da UNE

FORPROEX – Fórum dos Pró-reitores da Extensão Universitária

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

MCP – Movimento de Cultura Popular

MEB – Movimento de Educação de Base

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A RELAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COM AS INSTITUIÇÕES DA SOCIEDADE	15
2.1	Um breve histórico da Extensão Universitária no Brasil e sua relação com a sociedade.....	20
3	METODOLOGIA	24
3.1	Considerações sobre o lócus da pesquisa, os sujeitos e o procedimento da pesquisa.....	25
3.2	Inspiração para a pesquisa.....	26
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	30
4.1	Vivências no âmbito da extensão universitária e suas implicações na constituição de uma práxis educativa popular na escola.....	30
4.2	O olhar, o sentir e a apreensão das crianças nas ações que surgem da relação entre o projeto de extensão e a escola para vida.....	48
4.3	A percepção das professoras perante o projeto de extensão em parceria com o ensino básico, para o desenvolvimento da criatividade das crianças e da comunidade escolar.....	55
5	CONCLUSÃO.....	62
	REFERÊNCIAS	64
	APÊNDICE A – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO.....	69
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	70
	ANEXO A – ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS DO ENSINO BÁSICO.....	71

1 INTRODUÇÃO

A extensão universitária, como uma das atividades associadas ao ensino e pesquisa na universidade, amplia sua qualidade nos aspectos científico, tecnológico, educacional e social. Para tanto, ela é um canal de oportunidades, que impulsiona uma formação universitária ampla, ou seja, ultrapassa as superficialidades do saber, depositário de conceitos distantes da realidade objetiva.

Ao se referendar a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, a universidade oportuniza vivências de aprendizagens vindouras a sustentabilidade às dimensões educativas instigadoras da práxis, se configurando como uma alternativa para a construção de um projeto de educação mobilizadora de mudanças sociais.

Dessa forma, na sociedade vigente, as práticas educativas – que mobilizam docentes e discentes a discutirem sobre questões relevantes ao meio social – demandam uma inquietação de refletirmos sobre o papel da extensão universitária em colaboração com instituições da sociedade, a exemplo da escola de ensino básico, construindo uma educação fundada no diálogo e em um outro modelo educacional e de escola, capaz de (re) inventar práticas educativas, calcadas na criatividade, possibilitando aos sujeitos se assumirem como protagonistas nos mais diversos espaços sociais.

Nesse sentido, a extensão universitária é considerada parte integrante da universidade, não pode ser alheia ao seu compromisso cultural, político, educativo e social entre as Instituições de Ensino Superior e as redes públicas de ensino. A universidade não deve se fechar aos anseios da sociedade. Para tanto, a escola representa um caminho para transformar a vida de homens e mulheres. Ela deve ser fundamentada não somente na direção conteudista, mas principalmente na multiplicidade da criação e recriação de estratégias que impulsionem o desvelamento do posicionamento crítico e inventivo dos seus participantes.

A lógica desta pesquisa se concentra, em um primeiro momento, na necessidade de destacar o ambiente escolar como parte de um processo mais amplo. Diante disso, entendo o projeto de extensão como o lugar da criatividade na esfera educacional, sendo a chave do reencontro com o encantamento, a emoção e a ludicidade, através da poesia, dramatização, contação de história e músicas, que cooperam com o avivamento da imaginação criativa.

Em um segundo momento, com este estudo, anseio semear, junto ao estudo das teorias em sala de aula, a possibilidade de preencher a lacuna de um ensino desarticulado, através de vivências extramuros da universidade. Assim, nas cotas 2017/2018 e 2018/2019, estive como voluntária no projeto de extensão *Educação Popular como Mobilização da Cultura de*

Emancipação Humana, com o intuito de viver, no chamado espaço-escola, a concretização do sonho em ascender a pedagogia da criatividade em comunhão com as crianças e professoras do magistério, com vistas a resgatar o prazer pela leitura de mundo, imersa na beleza do cultivo das variantes formas de liberdade de expressão, seja pela fala, gesto e escrita.

Sendo assim, destaco a importância da extensão universitária no decurso da minha formação inicial docente, pois gestou, no contexto da articulação dos pressupostos epistemológicos e empíricos, mudanças na minha história, visto que transformou as minhas maneiras de ser, pensar e agir, ensejadas no trabalho permanente, “em torno da necessária recuperação da esperança, da alegria de aprender, da curiosidade, da imaginação criadora e do gosto de ensinar” (FREIRE, 2001, p. 31).

Nessa medida, faz-se necessário minimizar o distanciamento entre universidade e outra instituição social, especificamente a escola, através da extensão universitária, sendo, pois, um fio condutor na probabilidade de construir metodologias de incentivo ao alargamento da criatividade no contexto escolar. Além disso, a extensão universitária utiliza os preceitos da Educação Popular, de modo que, mesmo quem “nasceu fora da escola, mas como concepção geral da educação ela teve e tem grande influência na educação formal” (VALE, 2001, p. 7). Por esse motivo, aborda, em suas características implícitas, a pedagogia do diálogo, contrapondo-se à educação transmissiva de ideias acabadas, que configura o professor como detentor do saber.

Dessa maneira, percebemos que a extensão universitária tem um papel social, proporcionando uma educação transformadora e emancipatória. Com isso, um diálogo desta com a escola pública fortalecerá o acesso aos diversos saberes culturais, coexistentes no mundo.

Nessa direção, sabendo que a escola é um espaço propício para o exercício da criatividade, como a extensão universitária dialoga com outros segmentos da sociedade, mais precisamente com a escola, tendo em vista o desenvolvimento da criatividade?

Elucidamos tal pressuposto, destacando o alcance da dimensão educativa no processo de desenvolvimento do projeto de extensão, sendo este resultado de uma “educação como prática da liberdade” (FREIRE, 2014), não opressora e sem categorizar o/a aluno/a como paciente, perante as práticas escolares de ensino.

Vale dizer que o objetivo maior deste estudo é o de investigar como a extensão universitária, em diálogo com a escola, pode criar possibilidades para desenvolvimento da criatividade. Além disso, tal estudo visa refletir sobre a relação entre a extensão universitária e as instituições da sociedade, no caso, a escola; verificar a importância da vivência no espaço

da extensão universitária e identificar se a extensão universitária cultiva perspectivas perante a conversação com a escola, na construção da criatividade.

Para tal empreitada, este estudo conta com a participação de vinte e seis crianças e duas professoras do magistério, de uma escola do município de Soledade/PB, envolvidas na proposta do projeto de extensão *Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana*, desenvolvido pelo curso de Pedagogia, da UEPB, nos anos de 2018 a 2019.

Vale dizer que o projeto em questão está embasado na lógica da participação coletiva e nos pressupostos da educação popular, em face da mobilização do acesso à cultura literária. O trabalho apresentou uma abordagem qualitativa, pautada no método da pesquisa-ação. A pesquisa adota, para a coleta dos dados, o formato de entrevista semiestruturada, destinada às professoras, e questionário, sendo destinado aos alunos. Para a análise dos dados, o estudo em destaque lança mão da perspectiva interpretativista.

Nesse momento, é oportuno mencionar que o trabalho em questão está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se a constituição da Extensão Universitária e sua relação com a sociedade ao longo do tempo.

O segundo capítulo delinea os caminhos metodológicos da pesquisa, atentando-se a aspectos, como: tipo de pesquisa, a escolha do sujeito da investigação, os procedimentos para a coleta e análise dos dados.

Por fim, o terceiro capítulo situa o projeto de extensão que deu base para esta pesquisa; além disso, focaliza as análises das entrevistas e o questionário, para uma compreensão da relação entre a extensão com a escola, no processo de contribuição para o desenvolvimento da criatividade humana. Portanto, este é um trabalho de investigação científica, alicerçado nas correntes da psicologia histórico-cultural e da pedagogia freireana.

2 A RELAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COM AS INSTITUIÇÕES DA SOCIEDADE

Ao abordar a relação da extensão universitária com a sociedade, é preciso situar a universidade, sua construção e finalidade com setores da sociedade, levando em consideração o compromisso que esta deve possuir com a escola do ensino básico.

A Universidade, diante de seu compromisso social com a sociedade, não pode ser alheia ao que se passa nas instituições sociais. Assim, a escola se configura como uma das instâncias promotoras da construção do conhecimento na educação básica. Nesse sentido, a universidade precisa se aproximar do âmbito escolar, para o processo de formação profissional do/da licenciando/a na graduação, levando o estudante universitário a experimentar a conectividade entre teoria e prática, ou seja, construir processos de ensino/aprendizagem baseados na práxis educativa.

O ensino superior no Brasil carrega marcas históricas. Em razão disso, tal ensino desempenhou, ao longo dos anos, processos distintos, correspondentes a cada momento histórico de sua organização no país. À medida que a universidade se organiza, a saber, em três segmentos: ensino, pesquisa e extensão, esta última modalidade “se torna exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade” (SEVERINO, 2007, p. 31), isto é, a função da universidade é legitimar a extensão como gênese do processo pedagógico, mediante a sua articulação entre um pensar e fazer, levando em consideração um trabalho útil em benefício da transformação social.

Traçar um percurso histórico da extensão universitária requer um grau de amadurecimento intelectual bastante enriquecido pelas vias do estudo epistemológico, de modo a congregar um conjunto significativo de reflexões, resgatando uma análise mais sistematizada dos fatos que coexistiram e coexistem na história da educação brasileira.

De acordo com Mélo (2018), a educação, na historiografia das esferas institucionais, sempre serviu à manutenção da ideologia da classe dominante. Isso se deve ao fato de ela transitar pelas diversas atmosferas formativas, porém essa versão não é estática, pois “A Universidade, como instituição social, tem incorporado, ao longo do tempo e em diferentes contextos, funções diversas” (SOUSA, 2010, p. 13). Assim, compreendemos uma universidade com várias modulações acerca de sua responsabilidade com a construção de uma educação democrática e menos excludente.

Segundo Fernandes (1975), a reforma universitária põe em debate a transformação da universidade, conforme as mudanças recorrentes na sociedade. Isso significa que o modelo de universidade acompanha os desdobramentos acerca do que acontece no campo social. Os movimentos estudantis tiveram sua parcela de influência, ao organizarem manifestações em defesa de uma educação superior, que alimentasse “[...] esperanças de que a universidade nascente seja um foco de pensamento crítico e de renovação cultural” (FERNANDES, 1975, p. 175).

Sabemos que a reforma 5.540/68 lançou mão dos preceitos do tecnicismo, mas, nesse caso, tínhamos a visão do estudante para outra universidade, como aponta Florestan. Essa reforma se deu em uma ditadura e no momento em que o Brasil estava engajado no desenvolvimento econômico. Logo, o tecnicismo seria a base para o ensino (mão de obra).

De acordo com o autor, a participação, o envolvimento dos estudantes são imprescindíveis para que as transformações possam ocorrer na universidade. Nesse sentido, “Se sozinha a educação não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p.31). Qualquer sociedade, que deseje mudanças emancipatórias/ libertárias, passa necessariamente pela educação, sendo fundamental um trabalho efetivo quanto à qualidade dessa educação.

Dessa forma, é essencial que a extensão consubstancie um feixe de possibilidades, na tentativa de se abrir a um diálogo justo, uma vez que a universidade não deve conduzir uma postura de superioridade com relação aos saberes da cultura popular, mas ser em si uma alternativa de educação, sendo “[...] necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (MÉSZÁRIOS, 2008, p. 27).

Assim, a universidade, como parte da sociedade, precisa abranger na sua singularidade a acessibilidade de saberes, visando à superação da domesticação e adestramento, característicos de uma pedagogia do silenciamento favorável à manutenção “da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE, 2014, p. 80).

A extensão, como uma das vias de aproximação mais fértil com a sociedade, torna-se propulsora do fim de “[...] uma história de exclusão de grupos sociais e seus saberes de que a universidade tem sido protagonista ao longo do tempo” (SOUSA SANTOS, 2011, p. 56). Dessa forma, a extensão é um impulso a um diálogo mais democrático com os atores da atmosfera social, e essa proximidade tanto transforma a universidade quanto a sociedade.

Para abarcar essa responsabilidade, a universidade, dotada de legitimidade teórico-metodológica, detém, em suas atividades diversas, características baseadas na articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Isso é justificado por documentos oficiais da República Federativa do Brasil, a exemplo da Constituição Federal de 1988, que frisa: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 2021). Sabendo disso, o ensino superior fundamentalmente segue uma circularidade, cujo objetivo prevalece na sua independência política, econômica e educacional.

Com base nesses argumentos, a Universidade representa uma instituição da sociedade capaz de desenvolver uma formação ética, profissional e científica aos integrantes dos cursos de graduação.

Compreender a Universidade como organismo que organiza, produz, sistematiza e universaliza o conhecimento, tendo em seus moldes a potencialização qualitativa da educação, por si só dinamiza a autogestão no âmbito universitário, porém, caminhar sem uma comunicabilidade mais próxima com os setores da sociedade, como a escola ou outras instâncias, acaba por negligenciar outros saberes que não sejam da esfera científica. Portanto, a extensão universitária tem a missão de ser um intercâmbio “que vai possibilitar democratizar o conhecimento produzido e ensinado na Universidade e que vai atender as demandas mais urgentes da população” (NOGUEIRA, 2001, p. 57).

Nessa direção, a maior contribuição que a proposta de uma Universidade plural – que, por meio de projetos de extensão, consegue sanar a distância entre o saber acadêmico e o não científico – advém do reconhecimento que a educação é um processo contínuo de aprendizagem, entendendo, sob a perspectiva da vida humana, que homens e mulheres constroem cultura e tão somente ela é relevante para uma vida digna, capaz de resgatar o que se afirma na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), no seu preâmbulo: “o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constituem o fundamento da liberdade”.

Nesse sentido, o direito à educação de qualidade, à saúde e ao trabalho representam bases percursoras para o pleno desenvolvimento da dignidade humana. Sendo assim, uma das etapas de ascensão ao conhecimento produzido pela humanidade é o ingresso ao ensino superior.

Sabendo disso, uma intencionalidade da educação superior, que influencia justamente no cumprimento da intersecção entre ensino acadêmico e o básico, com vistas a cumprir sua tarefa de levar o estudante universitário, da área educacional, a atuar no seu campo de

trabalho profissional, esta regimentada pela LDB de 1996, prescrita pela lei nº 9.394/96. Assim, em seu artigo 43, inciso VIII, afirma-se a finalidade da educação superior:

VIII- atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares.

Dessa forma, as probabilidades de proximidade entre universidade e escola, por meio da extensão universitária, resgatam o incentivo para uma formação mais completa e menos fragmentada do/a graduando/a. Dentro dessa prerrogativa, o/a licenciando/a passa a conhecer outros vocabulários da comunidade, experienciando outras realidades, de modo a conviver com outras pessoas e, assim, valorizar, enquanto sujeito de direitos e deveres, o espaço escolar como sendo um setor propício para a integralização do homem como ser integral, conforme seus aspectos intelectuais, afetivos, linguísticos e comportamentais.

Além disso, a escola, enquanto setor social, deve ser o lugar onde os seres humanos almejam o entrelaçamento com a vida cotidiana. Assim, não se pode aceitar uma escolarização neutra, distante dos acontecimentos que cercam a vida dos/as alunos/as.

Duarte (1996) traz significações pertinentes a elaboração da relação do cotidiano e do não cotidiano, presente no processo educativo escolar, atenuando como mola propulsora para desempenhar no educando, em sua fase de aprendizagem, a concreticidade de duas vias, uma pertencente ao cotidiano, a exemplo do que está posto na sua vinculação com a prática social, circundante na realidade existencial, e a outra, quando diz respeito ao não-cotidiano, ou seja, a tudo aquilo que homens e mulheres criam e atribuem como patrimônio histórico da humanidade, presente na filosofia, arte e ciência.

Partindo desse pressuposto, nessa tríade interlocução universidade-extensão-escola, o fluxo das atividades pedagógicas precisa enriquecer o movimento da elaboração criativa. Contudo, sem o exercício da criatividade, há um enfraquecimento do universo lúdico, intelectual, afetivo e social que as crianças e os adultos necessitam, para enfrentar as adversidades postuladas pelo cotidiano. Nessa direção, “A pedagogia da criatividade é uma possibilidade real para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos” (VIGOTSKI, 2014, p. 13-14).

Vigotski (2014) levanta nessa questão a consideração de que, sem o impulso para se objetivar um verdadeiro estímulo aos processos criativos na educação escolar, os sujeitos podem sofrer um fracasso nas capacidades cognitiva e emocional.

Nessa medida, a escola, ambiência onde prevalece um fluxo maior de descobertas, associadas ao despertar das manifestações da invenção e reinvenção, propiciadas diante da interação sujeito-sujeito, procura-se nutrir, através da intencionalidade pedagógica, uma gama de estímulos heterogêneos, capazes de contribuir para o pleno desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

De acordo com Vigotski (1998), “o termo função psicológica superior, ou comportamento superior com referência a combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica” se refere à compreensão do desenvolvimento da aprendizagem nos seres humanos não se evoluir isoladamente, ou seja, não é definido apenas por elementos biológicos, porém, parte das interações que os sujeitos elaboram entre o meio cultural e com outras pessoas. Assim, assume-se “o caráter histórico cultural do sujeito e do próprio conhecimento como uma construção social, essa abordagem combate os limites precários da objetividade, apontando uma visão mais humana da construção do conhecimento” (RASIA, 2017, p. 15).

Diante disso, a Universidade necessita urgentemente se atentar para o quesito da formação dos profissionais da educação básica, especificamente das escolas, cuja qualificação dos/as graduandos/as não permaneça somente na posição do fazer desarticulado às implicações sócio-históricas, fundamentais na promoção do “aperfeiçoamento da habilidade crítica” (FREIRE, 2014, p. 73). Dessa forma, espera-se uma articulação entre reflexão e ação, a exemplo do que Vigotski (2014) postula, no que se refere aos mecanismos da elucidação interacionista no espaço escolar, sendo uma prática de ensino, capaz de fomentar a evolução da imaginação criativa dos educandos.

Sabendo disso, a extensão universitária, sendo uma das funções sociais assumida pela universidade, fortalece a construção da indissociabilidade entre meio acadêmico e outros segmentos sociais, pela prevalência do trabalho essencial de seus interlocutores participantes, os quais são colaboradores em prol da edificação de uma sociedade mais justa, menos supressiva e mais propícia ao alargamento do exercício pleno da cidadania.

Após esses enfoques, enfatizaremos a seguir os caminhos trilhados pela extensão universitária numa interface histórica, buscando sistematizar os seus ideais numa tênue linha do tempo, que demarca as origens de sua conexão com a sociedade.

2.1 Um breve histórico da Extensão Universitária no Brasil e sua relação com a sociedade

A universidade é o local em que os saberes científico e tecnológico são apreendidos pelos/as graduandos/as na fase da instrução acadêmica. Contudo, a aprendizagem adquirida na educação superior – a produção do conhecimento – não deve estar apenas a serviço de uma classe majoritária. Com isso, percebe-se a necessidade de os estudantes assumirem uma consciência política, para problematizarem a vida em sociedade; obviamente, tendo mais posicionamento crítico perante a realidade objetiva.

Nessa direção, Mélo (2018) nos mostra que a universidade é uma ambiência, capaz de assumir sua função social a partir do seu compromisso ético, ao evidenciar a formação dos seus licenciandos consubstanciada na finalidade em promover uma ruptura com o distanciamento entre estudo epistêmico e empírico, sendo, pois, uma universidade conectada com as realidades existenciais, portanto, construtora de uma visão de mundo mais engajada com as relações humanas.

O trajeto histórico da extensão universitária é um marco referencial, voltado para atender as demandas do setor universitário. Nesse sentido, é preciso evidenciar a importância de seu percurso histórico na sociedade, demarcando seus avanços e retrocessos, através de uma análise mais ampla, concomitantemente entrelaçada na consistência de fatos acoplados desde a Idade Média até a contemporaneidade. Para tanto, descortinaremos um mosaico de acontecimentos importantes sobre o processo de construção da extensão universitária.

Na Idade Média, conforme nos aponta Sousa (2010), as atividades no seio universitário estavam mais próximas ao ensino. Já na França, a pesquisa era praticada externamente, isto é, exercida fora do espaço acadêmico. Fato que influenciou o fazer pesquisa em contexto brasileiro. De acordo com Melo Neto (2001), a referência europeia carrega características do assistencialismo. Nos Estados Unidos, fenótipo é encontrado como corrente da prestação de serviços. Em contrapartida, na Argentina, a pesquisa se baseia no fazer acadêmico em si.

Dessa forma, a extensão universitária se origina praticamente na Europa, a partir do século XIX, período marcado pelo desenvolvimento industrial, tendo como pressuposto central reafirmar o ensino técnico. Contudo, é na Inglaterra que a universidade culmina no auxílio às camadas populares, por meio de cursos, tendo durabilidade curta, e atividades esporádicas. No entanto, se origina nas universidades americanas a ideia da extensão na promoção de solidariedade ao serviço para comunidade, caracterizada “[...] pela criação de

cursos que visam a garantir uma educação continuada e uma formação técnica” (SOUSA, 2010, p. 14).

Na América Latina, as universidades acompanham os moldes franceses. Nesse quesito, a extensão universitária dialoga com os movimentos sociais, especialmente com o movimento de Córdoba, em 1918, destacando seu caráter revolucionário, visto que envolveu a luta da classe estudantil contra o poder hegemônico da oligarquia, bem como o poder eclesiástico nas universidades.

No Brasil, a partir da efervescência do escolanovismo e com a implementação do decreto 19.851, de 11 de abril de 1931, haja vista a normatização do Estatuto das Universidades Brasileiras, argumentando em seu Art. 109, inciso 1º, sobre a extensão universitária:

Art. 109. A extensão universitária destina-se a difusão de conhecimentos philosophicos, artísticos, literários e scientificos, em benefício do aperfeiçoamento individual e coletivo.

1º De acordo com os fins acima referidos, a extensão universitária será realizada por meio de cursos intra e extra universitários, de conferências de propaganda e ainda de demonstrações praticas que se façam indicadas.

Diante dessas justificativas, percebe-se que a extensão universitária estava associada a um perfil utilitarista, ou seja, se tornando útil aos objetivos acadêmicos e estatais, sem nenhuma intersecção vital com a sociedade, principalmente quando se remete à metodologia de cursos ofertados no interior e exterior do setor acadêmico. “Com esse tipo de extensão, entendia-se que o caminho seria estender a universidade até os setores sociais populares” (CRUZ, 2017, p. 112). Nesse contexto, via-se fortemente a extensão sob a perspectiva de prestação de um serviço, visando à dispersão do modelo tecnicista, apenas transmissivo do saber.

Nesse percurso histórico, em meados dos anos de 1950/1960, se impulsiona o renascimento da Universidade Brasileira, alicerçada no compromisso social. Cabe mencionar, nessa época, a importância do educador Paulo Freire, que delineou um projeto de extensão cultural, na área da educação popular, vinculado aos movimentos sociais, a exemplo do Movimento de Cultura Popular (MCP), Movimento de Educação de Base (MEB) e o Centro Popular de Cultura da UNE (CPC).

A comunhão do movimento estudantil (UNE) juntamente com os movimentos sociais ocupa uma parcela de referência ao de Córdoba. Tais influências corroboram na

ressignificação da extensão universitária, porém ela “[...], que é concebida pelo Estado, até esse momento se conforma aos modelos importados” (SOUSA, 2010, p. 60)

Em 1964, época datada pelo regime militar no Brasil, surge uma universidade centralizada a atender os interesses da ditadura. Dessa maneira, a perspectiva da extensão universitária popular fracassa, por ser uma tentativa de ameaça ao Golpe. O objetivo era “minar” a autonomia da Universidade, favorecendo a extensão como um setor de dominação dos militares, criando um sistema de subordinação aos ideários político-ideológicos desse período.

De acordo com Melo Neto (2001, p. 53), a extensão

se delineará como um canal de construção da hegemonia de setores dominantes da sociedade, enquanto veiculadora, sobretudo, de um saber dominante. Esse tipo de função social se exerceu, de forma marcante, na época da ditadura militar, na medida em que se buscou o controle total da universidade.

O autor em questão expõe que a extensão apresenta a característica de estender, pois, por meio de cursos ou serviços, destaca o seu propósito de deflagrar o autoritarismo. Assim, executa o que é imposto pela Instituição de Ensino Superior (IES), negando o reconhecimento da extensão na composição funcional, articulada à pesquisa e ao ensino. A universidade, enquanto aparelho do Estado, se utiliza do assistencialismo, com o intuito de monopolizar a forma mecanicista de devolver a sociedade um trabalho baseado na perspectiva capitalista.

Dessa forma, o período da ditadura assegurava um modelo de extensão universitária que delimitava a interação do público estudantil com a comunidade popular e o engajamento nas mobilizações sociais, tendo em vista a luta pela democracia. Nesse contexto, Cruz (2017, p. 114) assegurava que “Institucionalmente, apresentava-se como um braço estendido da Universidade para a Sociedade”, sem dar importância aos problemas enfrentados pelas classes populares menos privilegiadas, sob uma proposta adestradora, reforçando o distanciamento da população aos bens produzidos pela humanidade, principalmente nos setores da cultura e educação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1961, e a reforma universitária, de 1968, proclamam ainda uma extensão baseada nos cursos e serviços, cabendo a ela ser ferramenta de ascensão a uma educação elitista.

A partir da década de 80, por meio do primeiro Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, surge a configuração do conceito de extensão universitária, a saber:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/ prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 1987).

Diante do conceito exposto, justifica-se uma rejeição da abordagem em que a extensão é mera prestadora de serviços, assistencialista e desarticulada do ensino e da pesquisa. Agora, ela se apresenta como um elemento da esfera acadêmica, que perpassa o ensino e a pesquisa, favorecendo a interdisciplinaridade, sob a objetividade em contribuir com um diálogo sólido entre universidade e sociedade. Por esse motivo, “A relação com a sociedade é necessária e indispensável, pois com ela se estabelece a troca entre o saber acadêmico e o saber popular” (NOGUEIRA, 2001, p. 69). Nessa direção, a construção do conhecimento tecnológico, científico e filosófico extrapola a área acadêmica e se depara com as problemáticas reais, enfrentadas pela sociedade civil.

3 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa possui uma abordagem qualitativa; nela, o pesquisador tem a possibilidade de investigar os dados que não são mensuráveis, como: pensamentos, percepções. Nesse sentido, a subjetividade do pesquisador e também dos participantes da pesquisa são constituintes para a elaboração do conhecimento e para o processo da pesquisa.

A respeito da pesquisa qualitativa, Gerhardt e Silveira (2009, p. 31) expõem que esta “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”, ou seja, a pesquisa qualitativa trabalha com valores, crenças, opiniões, representações do grupo. Tal universo não pode ser verificável de forma quantitativa.

Nesse sentido, esse tipo de abordagem busca considerar as percepções e interpretações que os seres humanos constroem acerca da realidade que os cerca, como também a que constroem. Assim, de acordo com Minayo (2007, p. 21), tal abordagem responde a questões particulares do sujeito, pois

ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

A escolha por essa abordagem contribui para que seja desvelada a compreensão e a importância que os participantes da pesquisa atribuem ao Projeto de Extensão da universidade, realizado em parceria com a escola do ensino básico.

Para a realização desta pesquisa, optamos pela metodologia da pesquisa-ação, que segundo Thiollent (2001), busca a compreensão e interação, perpassando a relação entre o pesquisador e os membros da situação investigada. Tal pesquisa envolve participação e, além disso, “supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante” (THIOLLENT, 2001, p.14)

Coadunados com essa ideia de que a pesquisa-ação visa uma compreensão e também ações planejadas, Severino (2007, p. 120) expõe que esta

além de compreender, visa intervir na situação, com vista a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levam a um aprimoramento das práticas realizadas.

Nesse sentido, a pesquisa-ação nos possibilitou mergulhar na realidade pesquisada e, por meio do planejamento de ações, ajudou a desenvolver uma compreensão da relação entre extensão e escola. Além disso, dessa relação, surgiu mudanças significativas no âmbito em que o projeto de extensão atuou.

3.1 Considerações sobre o lócus, os sujeitos e o procedimento da pesquisa

A pesquisa empírica teve como *lócus* uma escola do município de Soledade – PB, localizado na Região Geográfica Imediata de Campina Grande, situada no Cariri paraibano, onde, além do Cariri, polariza grande parte do Curimataú e Seridó do estado. Vale ressaltar que a escolha por tal município se deu a partir das ações desenvolvidas pelo projeto de extensão *Educação Popular como mobilização da cultura de emancipação humana*, situado na UEPB Campus I – Campina Grande/PB. Outra razão para essa escolha se deve ao fato de a pesquisadora residir na localidade em questão, assim como se sentir motivada a conhecer a realidade, intervindo nela, com desejo de mudança.

A escolha ainda se justifica, por compreendermos que a relação entre a universidade e a escola básica, por meio da extensão, pode contribuir em ações para o desenvolvimento dos sujeitos que dela fazem parte.

Os sujeitos da pesquisa são alunos e alunas entre a faixa etária de 08 a 10 anos de idade, que estão no 3º ano do respectivo ano de 2018 e do 4º ano, correspondente ao ano de 2019 do ensino básico, da escola pesquisada, no município de Soledade; além disso, duas professoras fazem parte do estudo em questão: uma leciona no 3º ano e a outra no 4º ano da mesma escola. Assim, o universo da amostra da pesquisa foi composto por 26 estudantes e duas professoras, no total de 28. Para tanto, a escolha dessa amostra se deu a partir dos estudantes do ensino básico, que participaram do projeto supracitado; e a escolha pelas professoras ocorreu por estas acompanharem e desenvolverem o projeto de extensão junto à pesquisadora.

A construção dos dados desta pesquisa ocorreu por meio de um questionário, composto por 7 questões (em apêndice A), realizado com os estudantes do ensino básico e com as professoras. Enfatiza-se que o questionário em questão foi aplicado de forma individual, buscando-se desvelar o que as crianças apreenderam, de forma objetiva, acerca das ações desenvolvidas no projeto e a importância deste para escola e sua vida. Acerca do questionário, este é um

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. [...]. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e repostas lacônicas (SEVERINO, 2007, p.125)

Outro instrumento para a produção dos dados foi a entrevista semiestruturada, que segundo Minayo (2014, p. 267)

semi-estruturada difere apenas em grau da não estruturada, porque na verdade nenhuma interação, para finalidade de pesquisa, se coloca de forma totalmente aberta ou totalmente fechada. Mas, neste caso, a semi-estruturada obedece a um roteiro que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador. Por ter um apoio claro na sequência das questões, a entrevista semi-aberta facilita a abordagem e assegura, sobretudo aos investigadores menos experientes, que suas hipóteses ou seus pressupostos serão cobertos na conversa.

A entrevista semiestruturada foi composta por 05 questões (em apêndice B), sendo realizada, de forma individual, com duas professoras, uma do 3º ano e outra do 4º ano do ensino básico, na escola onde o projeto de extensão atuou. Tal entrevista foi gravada e depois transcrita para a análise. Por meio dessas entrevistas, buscou-se apreender o que as professoras compreenderam por extensão e a importância da relação da universidade com a comunidade escolar.

A análise dos dados desta pesquisa foi de cunho interpretativista, pois, segundo André (2004), busca desvelar os significados nas ações partilhadas pelos sujeitos da pesquisa, que podem ser encontrados em sua linguagem e ações, ou seja, “é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outras, enfim, é dialogar com o autor” (SEVERINO, 2007, p.59).

Devido ao contexto pandêmico, causado pela disseminação do vírus da Covid-19, as intervenções pedagógicas, no ano de 2020, foram suspensas, ou seja, não dando continuidade a mais um ano de concretização do elo viável entre o projeto de extensão e a escola, com objeções à frutífera ascensão da criatividade.

3.2 Inspiração para a pesquisa

Esta pesquisa acerca da Extensão Universitária e sua relação com a escola é fruto de uma inquietação que surgiu na graduação do curso de Pedagogia, durante minha participação no projeto de extensão *Educação Popular como mobilização da cultura de emancipação humana*, sendo gestado no curso de Pedagogia, com a motivação de conhecer a escola pública para além do estudo teórico.

O meu desejo era o de adentrar no espaço escolar e elaborar, em conjunto com as crianças e professores, possibilidades de instigar o desenvolvimento da criatividade, a partir, por exemplo, da leitura de poemas, músicas ou contos, não de maneira mecânica, porém ressignificando a linguagem escrita e verbal, instituindo tarefas essenciais para vida humana, não castrando o direito dos educandos de dizer a sua palavra, como prega a educação bancária, tão bem repugnada por Freire (2014) em sua obra *Pedagogia do Oprimido*.

Nesse contexto, vale destacar que foi na minha infância, etapa do desenvolvimento humano, que mais sofri na escola pública, em razão do bullying, de modo que minha palavra era silenciada. Logo, não sei como arrancava forças para estar na escola rotineiramente.

Porém, analisando agora minha paixão pela leitura de poemas e narrativas da literatura infanto-juvenil, o ambiente que me fazia ir àquele campo hostil era a biblioteca: lá, meus olhos brilhavam, ao me deparar com a leitura de histórias fantásticas. Às vezes, me sentia a própria personagem dos contos; tinha ocasião em que decorava meu quarto, para apresentar a história já lida, em formato de peça teatral, aos meus familiares. Esse encantamento se intensificou no ensino médio e me fez renascer perante a infância tortuosa na escola pública, nas séries iniciais.

No curso de Pedagogia, na UEPB, pude ter um contato mais profundo com as obras de Paulo Freire, Vygotsky, Melo Neto, Rubem Alves, Rildo Cosson, entre outras, oportunizando minha participação no projeto de extensão *Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana*, realizado semanalmente na UEPB, no CIAC (Centro de Integração Acadêmica), nas cotas 2017/2018 e 2018/2019. Nesse lugar de troca de saberes, vivenciei humanamente a educação, sua capacidade criativa, como processo de construção da identidade dos indivíduos, do desabrochar da palavra autêntica, do cuidado e zelo pela pessoa humana, no mais célebre respeito à cultura do próximo, não servindo de subterfúgio ao caráter de educação adestradora, mas como sinônimo de libertação, visto que

o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem (FREIRE, 2014, p. 95-96).

Sendo assim, Freire (2014) nos mostra a verdadeira essência da educação problematizadora, cuja dinâmica do desenvolvimento da aprendizagem parte das relações horizontais, percebendo que tanto educador quanto educando são desafiados a se reconectarem com o universo do outro, para, finalmente, compreenderem a dialeticidade como fio condutor da transformação de vidas.

Nessa prerrogativa, o já mencionado projeto de extensão se substancia na qualidade de movimento dos ideais que revolucionam uma busca pela emancipação dos sujeitos, sendo um dos aspectos mais emblemáticos, circunscritos na pedagogia freiriana, sempre diante de uma verdadeira descoberta de novos caminhos, para evidenciar a potencialidade criadora de homens e mulheres que escrevem o seu universo cultural.

Nesse sentido, o meu desejo era o de encontrar, no espaço da extensão universitária, esse elo mais direto com a escola pública e, por assim dizer, redescobrir mais gosto pelo curso, mediante a “educação dos sentidos, que nos abre à dimensão poética da vida, ao espanto e ao alumbramento com o mundo, inseparáveis da curiosidade e da alegria de viver e criar” (ALVES, 2018, p. 8), retirando a sobrecarga de vivenciar somente estudos teóricos na sala de aula, pelos componentes curriculares, e até acabar com a frustração ocasionada pelos estágios supervisionados.

No projeto de extensão *Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana*, enxergava uma formação além da dimensão profissional, possibilitando uma articulação em nível de qualificação humana, tecendo estradas abertas ao pleno exercício da cultura cidadã.

Aliás, foi cursando o quinto período na graduação que me questionei a respeito da busca pelo avivamento da comunicabilidade mais intensa com os sujeitos reais da escola, que estavam fora das entrelinhas de leituras sistêmicas, porém imersos na sua diversidade, enquanto seres pertencentes a uma linguagem de mundo cheia de variedade e um jeito peculiar de ser e de sentir outra percepção sobre a história, que se escreve na contemporaneidade.

Desse modo, ambicionava descobrir, amparada pela curiosidade de desvendar, nesse contexto educativo, diversas oportunidades para aprender com os aprendizes e as professoras do magistério e vice-versa a genuína existencialidade do pensar e agir na esfera institucional do ensino básico, culminando numa teia de solidariedade humana, retroalimentada pela vivência em comunidade. Freire (2014, p. 125-126), em seu livro *Pedagogia da solidariedade*, traz essa relevância, ao afirmar que

Comunidade é vida de relação e por isso não pode ser contida apenas em teorizações, há necessidade de que quaisquer teorias que se apresentem para sua análise sejam acompanhadas de uma prática viva, que se manifesta não como observações acadêmicas, mas na prática da própria existência.

Assim, minha luta permanente, desde a entrada no projeto de extensão, era de sentir o sabor de interagir com a comunidade escolar, dando ênfase à liberdade de pronunciar ao

mundo que a educação é um ato político necessário e, portanto, a vinculação teoria-prática constitui o sentido do processo de universalização do conhecimento apreendido durante a trajetória da formação pedagógica.

Nessa perspectiva, a motivação para esta pesquisa está no sonho de construir, ao lado das crianças e docentes da escola situada em Soledade/PB, atividades pedagógicas, permeadas pela ludicidade, fantasia, em um interacionismo, no qual a leitura de músicas, poemas, contos e a encenação fossem a porta de entrada, para aguçar o imaginário infantil, objetivando que tais aprendizes ressignificassem a cultura literária, pois, ao contrário do sistema orgânico de se viver tudo no seio da cultura, que se inventa e reinventa, “é produto da imaginação e criação humana” (VIGOTSKI, 2014, p. 4).

Apreendi, antes mesmo de partir para investigação empírica, que o professor, enquanto ser em construção, não pode ter medo do desconhecido, em se tratando de desbravar os muros para além da universidade, pois se faz necessário vivenciar na concretude, com responsabilidade ética, a ambiência da realidade existencial do seu campo de trabalho, visto que é onde se brota uma multiplicidade de aprendizagens. Por isso, é imprescindível, na formação inicial docente, a tarefa de ousar “Com os sentimentos, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica” (FREIRE, 1997, p. 8).

A ousadia e a sensibilidade foram essenciais na construção de um saber fazer, regado pela esperança de visualizar na educação a oportunidade de alcançar os caminhos favoráveis ao encontro da verdadeira felicidade. Assim, apresento, posteriormente, todo o trajeto deste percurso na extensão universitária até as ações costuradas no retalho da imaginação criativa, desfrutada, interdisciplinarmente, na escola pública.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Vivências no âmbito da extensão universitária e suas implicações na constituição de uma práxis educativa popular na escola

O projeto de extensão *Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana* vem ocorrendo desde 2015, se constituindo em um processo de formação em Educação Popular, envolvendo estudantes de graduação, uma professora da referida universidade, alunos/as, professores/as da rede pública de ensino e de instituições não formais da Região da Borborema/PB, Esperança, Remígio, Pocinhos e Soledade.

Tal projeto objetiva instigar experiências, partindo do fortalecimento da cultura, dando subsídios ao pleno desenvolvimento humano. Por sua vez, coabita, em seu caráter transversal, uma dimensão dialética, a partir do entrelaçamento com uma práxis educativa popular, a qual está pautada em uma educação transformadora e emancipatória.

Compreende-se a extensão universitária como aliada na intervenção mais direta em uma dada instituição específica, seja em escolas ou organizações não governamentais, promovendo “[...] a interação entre a Academia e a comunidade com a troca de saberes e de conhecimentos” (FALCÃO, 2014, p.23), pois, somente assim, cumpre a missão de fomentar uma formação mais crítica, política e ética. Nesse sentido, Falcão (2014, p. 31) argumenta que

[...] esse é o verdadeiro papel das universidades públicas ou privadas que, como pesquisa, têm o objetivo de compreender a realidade, produzir novos conhecimentos e, em seguida, fazer interface com a extensão, modalidade responsável por aplicar esses conhecimentos e contribuir para o processo de mudança social seguindo os princípios do desenvolvimento sustentável.

O que Falcão nos propõe é justamente alargar nosso olhar para a extensão universitária, acreditando que ela possa potencializar o elo do diálogo entre a universidade e a comunidade. Isso significa fortalecer mudanças, com o propósito de se construir novas realidades. Assim, um projeto de extensão deve ser permeado pelo desejo de propor alternativas diversificadas em seu trabalho basilar pedagógico, para cumprir a tarefa de nutrir os caminhos possíveis a uma educação libertadora.

De acordo com Thiollent (2006, p. 163), “Um projeto de extensão pode ser considerado emancipatório quando as atividades que lhes são associadas incitam as pessoas a superar os obstáculos e as limitações que encontram em sua vida social, cultural”. Dessa maneira, o projeto de extensão em destaque atua na vertente por credibilizar a educação popular numa intensidade profícua, repercutindo em metodologias ativas frente à luta por

mais justiça, liberdade de expressão, representatividade, multiculturalidade e empoderamento crítico nas relações entre os sujeitos e o mundo.

A seguir, destacam-se as marcas das experiências embasadas na ação coletiva, enfatizando o envolvimento das graduandas, da coordenadora do projeto de extensão, das educadoras do ensino básico, da gestora, dos pais, das crianças, de todos atuantes no projeto em questão, mediante uma jornada circunscrita na alegria, nos desafios, na coragem, nas frustrações e no amor a uma educação de qualidade, além da possibilidade de instigar o imaginário criativo dos participantes.

Assim, situaremos, nos anos de 2018 e 2019, as vivências num contexto da práxis educativa popular, imersa no autêntico sentido fértil da relação entre universidade e escola, na construção da criatividade, usufruindo da cultura literária enquanto canal viável na relação com a arte literária, poesia, contação de histórias, dramatização e músicas.

Iniciaremos, pelo ano de 2018, ele foi emblemático, essencialmente impactante ao começar pelo reflexo das ações que aconteceram, tanto no âmbito da academia, envolvendo os estudantes universitários, como também nas escolas públicas dos municípios de Soledade, Pocinhos, Juazeirinho e Remígio, todas localizadas no estado da Paraíba. Vale lembrar que, para a pesquisa em questão, destacaremos somente as atividades pedagógicas relacionadas à escola da cidade de Soledade/PB.

Primeiro, traremos à tona alguns registros dos acontecimentos de cunho formativo, sediado na universidade, com o propósito de reunir, numa roda de diálogos, as exposições dos projetos de extensão que foram desenvolvidos no departamento de educação da CIAC/ campus I e coordenado pelo grupo de estudo e pesquisa sobre Educação Popular e Extensão Universitária, o qual promoveu o I Encontro de Extensão do Departamento de Educação, no dia 26 de abril de 2018.

Nesse evento supracitado, os discentes universitários e professores da instituição protagonizaram seus discursos, mediante seus relatos de vivência em projetos de extensão, pois tais relatos evidenciam “[...] a importância e a vitalidade da experiência da extensão para formação profissional, construída na direção de uma formação de sujeitos mais conscientes de sua função social” (SÍVERES, 2013, p.18). Além disso, houve amostras de livros infanto-juvenis, confeccionados pelas estudantes do curso de pedagogia e atuantes do projeto de extensão *Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana*, conforme evidenciam as figuras 1 e 2.

Figura 1 – Exposição de livros no I Encontro de Extensão do Departamento de Educação



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 2 – Grupo de extensão popular no I Encontro de Extensão do Departamento de Educação



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

O diálogo mais vindouro e sinérgico entre as pessoas é aquele mediante o compartilhamento de histórias que possam agregar uma educação pautada pela pedagogia da comunicação, cujo objetivo “não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2006, p. 69). Na ótica dessa abordagem, a alusão a esse evento se torna impactante para formação inicial docente.

Nessa prerrogativa, o projeto de extensão, já mencionado, assume um processo de aprendizagem no alargamento da produção do conhecimento, justamente por sua atuação no efetivo movimento de ação-reflexão-ação, em que os membros atuantes realizam em suas atividades, seja no âmbito acadêmico ou nas comunidades.

Sabe-se que as maneiras de pensar, ser e agir dos sujeitos são características enraizadas pelo precedente da cultura que cada sujeito carrega como excentricidade da sua história de vida. Dito isso, cabe exaltar, nas linhas deste trabalho, a mobilização da cultura como precursora da recíproca consonância “ao direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a história como

tempo de possibilidade não de determinismo” (FREIRE, 1996, p.30). Por outro lado, a cultura, a propósito, é o nascedouro das confluências geracionais, pois cada grupo social preserva e luta para manter sua identidade específica.

A cultura, como seio de abertura à integração de diferentes indivíduos, se torna um potencial ativo, que norteia os caminhos por onde se concebe a interação entre universidade e setores da sociedade, funcionando como a intermediação basilar entre projeto de extensão e escola. Além disso, a cultura é uma maneira de os povos se originalizarem por meio de suas identidades próprias, como afirma Brandão (2017, p. 22):

O homem-sujeito que produz a cultura- define-se mais por significá-la como um ato consciente de afirmação de si mesmo, senhor do seu trabalho e do mundo que transforma, do que simplesmente fazê-la de modo material. [...]. É isto que torna o homem um ser “histórico”, um ser que não está na história, mais que a constrói como um produto de um trabalho e dos significados que atribui, ao fazê-lo o mundo, a sua ação e a si mesmo, vistos no espelho de sua prática.

Desse modo, o projeto ressignifica a cultura nos mais diversos espaços, numa dimensão colaborativa do fazer educativo dentro da perspectiva de perceber a relação humana não simplesmente como um fato em si, mas numa intersecção com o próximo, com a verdadeira construção histórica da vida, pois “as pessoas se educam em relação, mediatizadas pelo mundo” (FREIRE, 2014), e a cultura é um dos pilares sustentáveis da conexão entre homens e mulheres com o mundo ou, mais que isso, ela é o próprio mundo, ou seja, ela configura o próprio universo, no qual os sujeitos realizam seus trabalhos em detrimento da preservação do seu lugar no mundo.

Portanto, as experiências, que serão expostas adiante, foram fruto do exercício dialético, baseado na valorização da cultura no contexto escolar, especificamente a cultura literária, trazendo expressões e manifestações artísticas, por intermédio da contação de histórias, da música, da poesia, da dramatização e da criação artesanal de livros, todos esses elementos com o intuito de proporcionar o desenvolvimento da criatividade.

Para tanto, realizamos o planejamento junto à coordenadora do projeto de extensão e de estudantes universitários, além da gestora, coordenadora e professora de uma turma do terceiro ano, manhã, sobre nossas propostas acerca de idealizações vindouras. Nessa direção, apresentamos o intuito de trabalhar com caixas lúdicas, bem como com a revitalização da biblioteca escolar, pois vivia desativada.

Figura 3 – Visita a escola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 4 – Reunião na UEPB



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

É importante salientar que as reuniões aconteceram tanto na universidade quanto na escola pública. O projeto de extensão tem por intuito instigar a criatividade e a imaginação das crianças, se utilizando da leitura como ferramenta viabilizadora, ao nutrir a flexibilidade do educando, a ativação do universo imaginário, dando vistas ao alargamento da fantasia, do afeto e das emoções, reforçando a ideia de Freire (2011), quando reafirma que a leitura não é apenas memorização de letras esvaziadas da sua intrínseca relação com o mundo humano, mas é na sua essência possibilitadora, na aproximação entre linguagem e realidade. Assim, a leitura, nesse caso, não pode ser vista apenas como apropriação de ideias desvinculadas do contexto real dos sujeitos aprendizes.

Nessa lógica, o encontro permeado pelo universo vocabular das crianças propiciou o engajamento de práticas educativas, voltadas para a elucidação da criatividade do ser em si, um elo viável para impulsionar as capacidades intelectuais dos/das alunos/as e, sobremaneira, ativar o seu desenvolvimento humano.

Vigotski (2010), em sua obra *A construção do pensamento e da linguagem*, afirma que existem diferenças entre os animais e os seres humanos. A priori, por entre os indivíduos, o pensamento e a linguagem se interrelacionam gradualmente, obedecendo aos estágios de

maturação do cognitivo da criança. Essa vertente nos animais não se solidifica, pelo fato desses seres vivos não atingirem os níveis de edificação do pensamento intelectual.

A escola, por sua vez, precisa desempenhar esse estímulo às ativações do intelecto do/a aluno/a. Dessa forma, a leitura se torna uma fonte inspiradora, em que a probabilidade de assunção da criatividade assume uma multiversidade de possibilidades, voltadas a propagação da fala, escrita, desenvoltura corporal, sendo digna do redescobrimto pela autêntica forma de olhar as interações humanas como um lócus frutífero da valorização da autenticidade criativa. Dessa forma, Quadros (s/ano, p. 29) indica que

A escola é uma das instituições que mais podem contribuir para que a criatividade seja não só aprendida, mas sim praticada, a fim de promover a educação necessária para transformar os educandos em cidadãos capazes de enfrentar os desafios de uma sociedade em constante mudança.

Sendo assim, as vivências no âmbito escolar são referência do trabalho arraigado pela pedagogia da criatividade, retroalimentada pela ressonância do ato de ler, centrado no aconchego, pelo gosto da partilha, do entusiasmo pelo descobrimento de mais histórias, sendo, pois, a geração das relações humanamente construídas pela empatia, reciprocidade e colaboração.

Nesse sentido, as passagens nesse ciclo, ensejadas pela repercussão de uma história escrita e reescrita pelas mãos da discente universitária, como também pesquisadora, das educadoras do magistério e das crianças, constatamos que é na formação de coletivos humanos que processos criativos se expandem e transformam os espaços da escola como o lugar da palavra pulsante, “estando dessa forma, fugindo da rotina das atividades escolares, ou seja, há como se explorar o currículo pleno sem deixar de lado a criatividade individual e coletiva” (QUADROS, p. 15).

Dito isso, o ano de 2018 foi emblemático, pois foram realizadas atividades nessa ponte entre universidade e escola, consideradas marcantes, as quais deixaram resultados satisfatórios. Dividiremos o percurso pedagógico por onde se perpassou as vivências da práxis educativa popular, com vistas à construção de possibilidades de desenvolvimento da criatividade, lembrando que a proposta foi construir, junto à instituição escolar, um subprojeto, nomeado *Giro Literário: saindo da caixinha*.

O Giro Literário: saindo da caixinha teve como principal iniciativa instigar os/as alunos/as, por meio da contação de histórias, poesias, músicas e dramatização, o despertar para a fruição de atividades criadoras, reelaboradas, recriadas e inovadas pelas crianças

juntamente com a docente do ensino básico e com a estudante universitária do projeto de extensão, reacendendo “a existência da criatividade coletiva” (VIGOTSKI, 2014, p. 5). Dessa maneira, contribuindo na ressignificação do processo criativo, no contexto escolar, não sendo pautado no individualismo, mas na capacidade de elaborar com o outro novas percepções sobre uma determinada leitura.

Nessa situação, as leituras compartilhadas se apresentam como um elemento mediador para o alcance da imaginação criativa, tendo em vista que “Só a escola criativa fará da criança o ser integral. E criatividade sem livro não chega à plenitude das asas” (DINORAH, 1995, p. 19). Isso quer dizer que, sem leitura, tampouco se enriquece a capacidade criativa dos discentes.

O primeiro contato com a dinâmica do subprojeto foi trabalharmos com quatro caixas lúdicas, nas quais se apresentam: caixa da contação de histórias, de poética, de dramatização e musical. A caixa da contação de histórias, por intermédio da oralização da integrante do projeto de extensão, levou aos educandos a história *A formiguinha e a neve*, dos irmãos Grim. Sem dúvidas, o universo da contação de histórias fascina e encanta os que apreciam toda a narrativa da história, sendo contada pelo contador inusitadamente.

Abramovich (2016) reporta o quanto é fundamental inserir as crianças em um contexto de aprendizagem, a partir da escuta de histórias, pois influenciará na sua formação como leitor. Por esse motivo, é válido propiciar momentos de contação de histórias, seja na escola ou em outros espaços. Outra singularidade é que as circunstâncias marcadas pela ocasião da contação de histórias dão respaldo ao fortalecimento da proximidade entre compositores da roda de conversa, “pois através das histórias as pessoas se identificam e se abrem para ouvir e compartilhar particularidades” (MATOS, 2017, p. 35)

A seguir, a figura 5 ilustra a contação de histórias, produzidas pelos estudantes, bem como a criação de desenhos, anexada a cada enredo.

Figura 5 – Roda de contação de histórias, contendo, na caixa lúdica, textos autorais das crianças



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Tanto o desenho quanto a criação literária são formas de expressão da criatividade da criança. Para Vigotski (2014), o desenho é o exercício artístico mais praticado na infância, regredindo apenas na adolescência, mas que é possível ser retomado por vias do talento artístico, com vistas a ser consolidado. Nessa direção, o ato criativo foi acionado, mediante a intervenção pedagógica, atrelada ao elemento da contação de história. Por isso, quanto mais os educadores se utilizarem da oralização de histórias, mais se torna agradável a apreensão pela leitura, escrita e desenho.

Nesse processo de desenvolvimento da criatividade, o/a professor/a se torna responsável por modificar todo o ambiente da sala de aula ou utilizando estratégias didáticas, para contar a história de maneira dinâmica, menos enfadonha, por assim dizer, pois “O desenvolvimento da criatividade demanda do professor uma atitude ativa e criativa” (OLIVEIRA; ALENCAR, 2008, p. 299). Nessa visão, o docente oportuniza o estímulo à criatividade, se o/a próprio/a valorizar a escola como um ambiente propício para manifestações criativas.

Durante quatro semanas, a caixinha da contação de histórias apresentou aos estudantes do terceiro ano, manhã, novas possibilidades de interação com as leituras de narrativas da literatura infanto-juvenil diversificadamente. Assim, outra ocasião foi a do partilhamento de histórias favoritas, trazidas pelos discentes, reforçando, com isso, a ideia de Cosson (2017), que enfatiza a essencial característica de um círculo de leitura, sendo “uma aprendizagem coletiva e colaborativa”, baseada no diálogo, na interação participativa, no desafio e na troca de saberes, permeado pela cultura literária.

A caixa musical, irrigada pelo movimento corporal, com muitas inspirações, irradiou toda a escola com ritmos embalados pelas músicas *Lindo lago do amor*, de Gonzaguinha,

Ciranda da Bailarina, de Chico Buarque, e *História de uma gata*, de Chico Buarque. A música tem o poder de aproximar as pessoas com o ritmo da melodia, também é percusora de efervescer o imaginário infantil, por intermédio da sensibilidade.

Desse modo, a figura 6 exemplifica uma arte em desenho, realizada pelos educandos, logo após a escuta da música *O lindo lago do amor*, de Gonzaguinha. O desenho, aqui demonstrado, é proveniente apenas da escuta e canto da música, é “demonstração clara do fato de nessa idade a criança desenhar de memória é a arbitrariedade e a liberdade do desenho infantil” (VIGOTSKI, 2014, p. 97).

Figura 6 – Desenho livre



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Nessa circunstância, o desenho representa a linguagem verbal da criança. Já enfatizava Vigotski (1998), na sua obra *A formação social da mente*, que a construção da abstração do desenho parte inicialmente da fala e, ao longo desse processo, as crianças começam a evoluir na língua escrita e sucessivamente investem na progressão de seus desenhos.

Assim, é fundamental, no estágio da educação escolar, o/a professor/a colocar os educandos em situações que favoreçam a abordagem do desenho infantil, não com fins de puro passatempo, mas permitindo que esse simbolismo gráfico seja a base para inseri-los em condições reais de desenvolvimento das habilidades da escrita.

Outro princípio tem sob a perspectiva que o projeto de extensão comunga desse elo com a escola pública, práticas pedagógicas que vão além da sala de aula, atravessando todo o espaço escolar. As caixas lúdicas permearam, em situações de círculos de leitura, na ambiência do pátio, da biblioteca, da sala de vídeo. Aliás, tivemos um olhar sensível ao espaço da biblioteca, pois esta se encontrava apenas sob o aspecto de depósito dos livros, sem dar acessibilidade maior ao contato das crianças com o acervo literário.

Partindo desse pressuposto, orientamos as gestoras e a professora para a importância do renascimento da biblioteca sob a lógica dela ser essencial para a formação de leitores. Nossa convicção era de que coletivamente construirmos um cantinho da leitura, no qual as crianças pudessem desfrutar da leitura deleite e daí ressoar sua imaginação criativa. A inauguração do cantinho de leitura na biblioteca ressignificou uma transformação na lógica de enaltecer esse espaço imprescindível no fomento à viabilização da leitura e ao desenvolvimento humano, cognitivo, cultural e educacional.

Figura 7 – Cantinho da leitura na biblioteca da escola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A leitura, nessas pretensões, seria um canal, ou seja, uma ponte que aproxima os educandos das diversas formas de anunciar o descobrimento de várias culturas. Por isso, a escola deve ser o berço do alimento da cultura, mais enfaticamente neste trabalho de comunicação entre projeto de extensão e escola, a cultura literária se fez presente, por meio dos círculos de leitura em diversificados lugares, em que “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto” (FREIRE, 2011, p. 20), por assim dizer, não é uma experiência apenas de codificação e decodificação de palavras vazias, mas a recriação do ato imaginativo infantil, ao se fazer presente, diante da sua expressão vocabular, a manifestação do seu universo cultural.

Partilhando essa ideia, temos, nas palavras de Vigotski (2014), a ligação entre imaginação e realidade, sendo propensa ao desenvolvimento da criatividade, pelo fato de quanto mais, numa dada circunstância pedagógica, a ampliação dos artefatos culturais, a exemplo dos livros, em que são escritos a maioria das narrativas infanto-juvenis, como o conto, a fábula, estiverem ao alcance da criança, mais combinações cerebrais ela fará e, conseqüentemente, estimulará nela a necessidade de criar algo novo, pois sua curiosidade foi aguçada. Magalhães (2001, p. 45) corrobora com essa explicitação, afirmando que

A principal qualidade do conto é colocar o leitor diante de problemas humanos universais e oferecer-lhes, de maneira simbólica, sugestões para resolver esses problemas. Deste modo, a criança vivencia simbolicamente toda a sua problemática existencial e encontra soluções que lhe assegura a maturidade psicológica.

Nessa lógica, diferentemente dos animais, o ser humano, a partir do desenvolvimento da aprendizagem, consegue elaborar, em seu raciocínio lógico, novas modalidades de interpretação. Por isso, quanto mais diversificado for a vivência dos/as alunos/as com os produtos concretos do seio artístico e nas suas interações com outros sujeitos, mais será reforçada a produção do aprendizado. Aliás, “O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas” (VIGOTSKI, 1998, p.108).

Nesse sentido, a escola necessita ser para os educandos uma fonte inestimável de elaboração da criação como condição humanamente realçada pelas vias edificadoras das relações sociais e intelectuais, só assim se permitirá pensar a realidade, com vistas a construção de uma análise profícua sobre nossa capacidade de intervir no mundo e, ao interferir nele, que nossa leitura seja capaz de mobilizar mudanças.

O sub-projeto: *Giro Literário “saindo da caixinha”* desenvolveu, no seu curso, várias atividades de suma importância para o despertar da imaginação criativa, se apoiando principalmente nas leituras dos seguintes textos: *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado; *O reino dos momulengos*, de Fernando Vilela e Stela Barbieri; *A escola é*, de Paulo Freire. Na parte musical, estas foram as melodias disponibilizadas para os sujeitos: *História de uma gata* e *Ciranda da Bailarina*, de Chico Buarque e *O lindo lago do amor*, de Gonzaguinha. Já na seção poesias, tivemos a obra *As meninas*, de Cecília Meirelles. E, no texto adaptado para versão teatral, o conto *A formiguinha e a neve*, dos Irmãos Grim.

Durante o percurso da intervenção, podemos citar dois momentos basilares, que se conectam na fundamentação do exercício da práxis educativa no contexto escolar. Uma das ocasiões foi a participação dos estudantes do terceiro ano na XX Semana da Cultura do Município de Soledade. Nesse dia, eles apresentaram frutos dos resultados alcançados pelo diálogo entre universidade e escola; suas apreensões diante do que foi aprendido em formato de exposição teatral, através da obra *A formiguinha e a neve*. Já na poesia, ilustraram pela declamação do poema *As meninas*, de Cecília Meirelles, e a partitura musical ficou embalada pela *História de uma gata*. A figura 8 destaca o cenário de exposição desta semana cultura mencionada.

Figura 8 – Cenário da exposição do sub-projeto na XX Semana da Cultura



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

As atividades educativas elaboradas permitiram que os discentes estivessem na posição de autores da sua criação, fazendo com que a conversação, imaginação e realidade trouxessem subsídios para potencializar a criatividade humana.

O papel tanto da integrante do projeto de extensão universitária (pesquisadora) quanto da professora do magistério, nessa perspectiva do pensar-fazer, não foi o de transferir conteúdos engessados, desarticulados da cultura popular, pelo contrário, pois essas práticas anunciam que “Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem para desenvolver ações reais” (SAVIANI, 1988, p. 82). Portanto, a experiência é a base para toda criação imaginativa do indivíduo, permitindo a constituição da aprendizagem.

Ainda é preciso destacar que as caixas lúdicas almejavam um trabalho em detrimento da grade curricular escolarizada, tendo como ponto de partida a arte literária na execução de todas as elaborações, que culminaram na exposição teatral. A partir da caixa da dramatização, houve o fomento da linguagem corporal, sendo viável por meio da dança. Isso foi feito, através da coreografia, elaborada pelas crianças, das músicas *Ciranda da bailarina* e *História de uma gata*. Na poesia, o encantamento tomou proporções maiores, pela oralização dos poemas nas vozes das crianças.

Com a realização da culminância, a qual foi planejada entre os educandos, a equipe de extensão universitária, a coordenadora do projeto e a professora do ensino básico. Na ocasião, as famílias foram convidadas para exposição de toda trajetória, ensejada pelo protagonismo infantil, destacando-se a amostra da confecção do livro escrito pelas crianças, intitulado *Pedrinhos e Marias não querem se calar*, assim como a reexibição da recitação poética.

Alguns trechos das falas dos familiares me soaram importantes, a saber: “*ver meu filho atuando no projeto, me deu vontade de retomar meus estudos, quem sabe fazer um curso na universidade*”, “*depois que o projeto veio, senti minha filha com mais desenvoltura para falar em público*”.

Diante desses relatos, podemos constatar que o projeto alcançou seu sentido, no desenvolvimento da criatividade, pelo registro das atividades fomentadas. Além disso, tal projeto ultrapassou as expectativas, impactando a vida das crianças, como se observa na fala dos familiares, proporcionando a saída da cultura do silêncio, conforme argumenta Freire (2014), ao dar significância a uma educação problematizadora, em que o sentido de dizer a palavra autêntica é sobremaneira permeado pela reflexão crítica, enriquecendo os substratos do diálogo, em termos de indícios para emancipação humana.

Figura 9 – Culminância da ação *Giro literário: saindo da caixinha*



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 10 – Amostra das produções das crianças ao longo do ano de 2018



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

O projeto ressaltou um diálogo entre família e escola. Sabendo dessa aproximação, ele também agregou no fortalecimento da motivação dos alunos, ou seja, aumentou-se o foco de interesse dos estudantes, ao consolidarem sua participação efetiva em tal ação educativa. Além disso, a família estava dando apoio a essa iniciativa.

Vimos, nessa ocasião, o quanto é relevante a interação da família com o que acontece no cotidiano escolar dos/as filhos/as. Isso só acontece, em razão da comunicação entre escola e família, passando “[...] pela intermediação da criança, sendo esta comunicação aparentemente de mão única, por haver pouco espaço institucional para a manifestação das famílias” (ARAÚJO-MARINHO; OLIVEIRA, 2010, p. 6).

Essa argumentação dá indícios, à primeira vista, de que as crianças, no plano da valorização das vivências, interlocutaram aos seus familiares tudo o que experienciaram. Tal posicionamento nos permite analisar a obtenção de ganhos satisfatórios para educação, dando respaldo positivo para formação inicial docente da graduanda do curso de pedagogia, assim como para a professora do ensino básico e, principalmente, para as crianças, consideradas a inspiração de toda idealização das práticas pedagógicas executadas.

Toda trajetória dessas estratégias de leitura dão respaldo ao esforço catalisador de ainda as relações humanas simbolizarem, no arcabouço sócio-histórico, possibilidades essenciais ao desenvolvimento humano. Nada se constitui inato e a educação escolar oportuniza ao sujeito elaborar, através do seu enredo histórico-cultural e do seu contato com artefatos culturais, aqueles representados pela arte, ciência e tecnologia, inéditas abstrações. Nesse sentido, “a educação escolar tem o importante papel de mediadora entre o âmbito da vida cotidiana e os âmbitos não cotidianos da atividade social” (DUARTE, 1996, p. 31).

Após essas elucidações expostas, presentes no norteamento das considerações ensejadas pelas vivências durante a realização desse diálogo entre a extensão universitária e a escola, com vistas ao desenvolvimento da criatividade, no referido ano de 2018, passaremos a descrever o outro sub-projeto, com recortes ao período anual de 2019.

Os projetos de extensão universitária atuam numa corrente basilar participativa, apoiados pelo dinamismo didático, frente ao ímpeto da dialeticidade com setores da sociedade. Para Reis (2010, p.94), “as ações de extensão universitária podem contribuir para a formação mais engajada e consistente dos alunos e, efetivamente, para a construção de uma sociedade mais justa”. Nesse quesito, o projeto de extensão *Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana* enveredou ações significativas na cota 2018/2019, as quais são basilares para a formação humana e profissional dos/as licenciados/as.

Tendo a Educação Popular como base inspiradora das metodologias ativas, na busca pela interface da progressão colaborativa, cooperativa e recíproca no desenrolar das ações do projeto, Calado (1999) nos assevera que essa especificidade de educação tem a sua intencionalidade fecundalizante de compreender, nas relações humanas sociais, o seu caráter fomentador de reflexão crítica sobre as diversas realidades coexistentes no mundo, negando a individualidade como estratégia de organização do movimento da produção do conhecimento.

Dito isso, na esfera institucional acadêmica da UEPB, neste referido ano, uma ação denominada “Giro Cultural” permitiu a relação com o ensino, através da participação dos/as alunos/as da graduação na construção coletiva de artefatos criativos, tanto materiais quanto simbólicos, dentro e fora da universidade, fomentando o acesso à cultura e ao diálogo entre professores e estudantes em torno da construção de encontros participativos.

A continuidade do diálogo com a escola pública também se fez presente e o projeto de extensão elaborou com tal instituição outras objetivações de incentivo ao desenvolvimento da criatividade, partindo do pressuposto de que, através da leitura, enveredamos nos processos criativos, incitando uma abordagem com respaldo a esse olhar para a diversidade, evidenciando, assim, a relevância do respeito ao outro, da valorização da amizade, do prestígio ao empoderamento estudantil, sob o ato de falar e demonstrar suas emoções. Em comum acordo com a equipe de extensão e a professora da rede municipal de ensino do 4º ano, o sub-projeto foi intitulado *Clube da leitura: lidando com as emoções no mundo das diferenças*.

A ideia do clube da leitura foi a de consolidar um posicionamento mais crítico e autônomo às crianças pelos eixos norteadores da contação de histórias, da música, poesia e

teatro, destacando essas categorias percusoras, para impulsionar a imaginação criativa. Nessa proposta, “Participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos aos quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos” (COSSON, 2017, p. 154).

A escola, sendo uma das repartições institucionais da sociedade civil, precisa trazer no bojo das suas pretensões pedagógicas a oferta de uma educação que possa fazer sentido para a vida do educando, e o *Clube de leitura: lidando com as emoções no mundo das diferenças* se obstina, por excelência, a isso, ao sensibilizar os olhares das crianças a uma leitura de si, dos outros e do mundo.

Partindo desse enfoque, a escola não pode se ilhar, permanecer com uma visão imóvel do que se passa para além das paredes de suas salas de aula. Dessa maneira, o educador deve ser o primeiro a se engajar numa proposta de educação pautada no cultivo do respeito à identidade de outros povos, a solidariedade humana, ao amor fraternal.

Nessa linha de pensamento, sem pormenores, o desenvolvimento da criatividade, no âmbito educacional, estimula nossa capacidade de raciocinarmos, para além do viés pragmático dos conteúdos escolares, ou seja, um/a professor/a, que atua como mediador, ao tecer, junto aos aprendizes, momentos de pura fruição do criar, prefere seguir uma trajetória, na qual “Podemos repensar a pedagogia como a arte de criar, gerar, partilhar, e fazer circular saberes” (BRANDÃO, 2019, p. 20). Assim, o desafio não é preparar o estudante para prova, mas ofertar a ele uma multiplicidade de opções, que possam estimular sua curiosidade, de modo que ele tenha disposição de desbravar horizontes, repensar os fatos e testar suas pré-noções na vida em curso.

O clube da leitura: lidando com as emoções no mundo das diferenças foi elaborado sob uma interface participativa, por meio da contribuição da pesquisadora (membro do projeto de extensão), da professora do 4º ano fundamental I, dos discentes e dos familiares. Todo planejamento se deu tanto na esfera acadêmica quanto na colegial, de forma horizontal.

A ênfase didática esteve presente na produção das apresentações culturais, integrando a criação de círculos literários, peça teatral, coreografias musicais, livros artesanais e oralização de poemas. A aposta da seleção textual trouxe obras, refletindo a temática diversidade, dentre as quais: *Flicts*, de Ziraldo; *Menino de todas as cores*, de Luiza Ducla Soares; *Pessoas são diferentes*, de Ruth Rocha, além do enredo musical: *Ninguém é igual a ninguém*, de Miltom Karam.

As intervenções duraram seis meses: de abril a outubro de 2019. No primeiro momento, a atividade proposta foi uma roda de contação de histórias, em que a pesquisadora (participante do projeto de extensão) apresenta uma história e, para cumprir a intencionalidade pedagógica, a própria pesquisadora lança indagações sobre o que contou. Tudo isso provoca a fruição da criatividade, pois interfere na elaboração de novos pensamentos sobre o que está sendo socializado. Nesse contexto,

O outro aspecto importante para Vigotsky reside em que a criatividade tem uma origem social, veiculada através da atividade de troca simbólica entre os indivíduos, palavras ou através do contato com uma “pintura” ou da leitura de um texto literário; é historicamente determinada e faz parte de um sistema de significados mais complexos que se modifica ao longo dos estádios de desenvolvimento humano (VIGOTSKY, 2014, p. 10-11)

Nessa perspectiva, a criatividade se resplandece no meio sócio-histórico, a partir das interações entre os sujeitos, mediatizados por estímulos, seja pela arte estética ou literária.

No segundo momento, as crianças tiveram a oportunidade de serem os próprios contadores de história e cada um escolheu seu livro, compartilhando ao final suas impressões sobre a obra lida. Assim, podemos atribuir que “O aluno é, assim, o verdadeiro sujeito do currículo – não um mero destinatário do currículo. Os professores não estão no centro da vida escolar, não são o sol do sistema curricular” (ALVES, 2001, p.18). Dessa forma, incentivar o protagonismo estudantil é despertar a autonomia, a curiosidade dos educandos.

O objetivo, nessa ação do clube da leitura, não era o de continuar com a utilização das caixas lúdicas; todavia, os textos utilizados nortearam a maturação dos estágios, envolvendo, em cada dinâmica, projeções criativas.

Numa segunda explanação, em se tratando da biblioteca, o ano de 2019 nos reservou a surpresa de não podermos utilizar esse espaço, pois tal lugar se transformou em sala de aula. Porém, isso não foi impedimento para buscarmos outros lugares na escola, para a fruição da leitura, com vistas ao desenvolvimento da criatividade.

Ao sanar as dificuldades encontradas na trajetória, desfrutamos de vários encontros construtivos de aprendizagem. A pesquisadora e a professora da turma do 4º ano organizaram o dia da constituição do varal da leitura, visto que cada criança iria escrever uma história e depois, em sorteio, outra pessoa iria lê-la, dimensionando que “A ideia do clube é de compartilhamento de leituras” (COSSON, 2017, p. 148), em que a manifestação da palavra autêntica clarifica o sentido da criação literária das crianças em idade escolar.

Outro delineamento foi o cultivo da relação entre escola e família, por intermédio da leitura. Nesse caso, cada criança escolheu uma história, levando-a para casa. No decorrer da

semana, eles relatariam a experiência, oralmente na sala de aula, sem deixar de registrar essa ocasião em vídeo.

Isso resgata um cenário de envolvimento com a leitura, embalada pelo aconchego, afeto, tornando-se um elo de aproximação entre os familiares e seus filhos, sabendo que “A criança em desenvolvimento sofre influências marcantes de duas instituições principais: a família e a escola” (ALENCAR, 1985, p. 97). Por isso, deve se tomar uma via de mão dupla, não podendo ser via única, se isolando da instituição família, porém, deve catalisar circunstâncias de comunhão.

Outras vertentes foram planejadas, almejando idealizações criativas para a apresentação das crianças na XXI Semana da Cultura do município. Assim, a dramatização ficou pelo enredo do conto *Flicts*, por se tratar de uma narrativa que aborda a questão da diversidade, procurando fazer com que os pequenos reflitam sobre o respeito ao diferente. Portanto, a escola, enquanto espaço fundante da heterogeneidade de sujeitos, precisa considerar “[...] a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais” (CARVALHO, 1998, p. 44). Nessa direção, a temática diversidade não necessita estar somente no programa curricular, precisa se associar às práticas integrativas de sociabilidade, as quais estão incumbidas nas relações interpessoais.

A feitura do clube é circunscrita pelas mãos de meninos e meninas que, ao assumirem seu lugar de fala, potencializam sua representatividade identitária. Nesse ato, criar situações de reflexão crítica impacta no reafirmamento de pensar uma educação que viabilize a possibilidade “fundante no processo de constituição da subjetividade humana” (SILVA; COSTA, 2019, p. 129). Ancorada pela práxis educativa, a vivência cultural é um aporte ao desabrochar da criatividade humana, tão imprescindível ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

A ambiência escola por excelência se configura no lugar onde é acessível os artefatos culturais, produzidos por homens e mulheres ao longo dos tempos. Ela se torna precursora na fomentação de ideias, valores, preceitos, alargando a ligação entre os sujeitos e, por esse motivo, mobiliza o aprendizado, no tocante aos mecanismos para ascender à zona de desenvolvimento proximal (VIGOTSKI, 1998).

O encerramento foi marcado pelo encontro das crianças com a família, com a gestora, com a professora do ensino básico, com os integrantes do projeto de extensão e com a coordenadora, tendo a exposição da história escrita ao longo do ano. Dessa maneira, a ampliação do universo cultural se registra pela exibição do que cada estudante produziu. Isso quer dizer que a materialização da imaginação criativa se firmou na amostra musical, advindo

da projeção de coreografia autoral, da exposição de desenhos, dos livros artesanais, feitos pelas crianças, dentre outras demonstrações.

Figura 11 – Exposição dos livros artesanais, elaborados pelas crianças na culminância do subprojeto *Clube da leitura: lidando com as emoções no mundo das diferenças* (2019)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A emoção, a afetividade e a criação artística, tomadas pelo reflexo da interação, foram as marcas da efervescência de atividades educativas, alicerçadas pela real vivência de se estar contribuindo em experienciar um projeto baseado na escola dos sonhos, aquela onde as utopias são alimentadas pela práxis educativa popular, pois “Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização” (FREIRE, 2001).

O próximo tópico apresenta as impressões das crianças, conforme suas evidências, demarcadas por esse diálogo entre o projeto de extensão e a escola, excepcionalmente em consonância com a vida.

4.2 O olhar, o sentir e a apreensão das crianças nas ações que surgem da relação entre o projeto de extensão e a escola para a vida

As crianças explanaram suas convicções acerca daquilo que lhes tocou, em se tratando de sua participação no decorrer das atividades ensejadas na proposta dos dois subprojetos; o primeiro, *Giro Literário: saindo da caixinha*, e o segundo *Clube da leitura: lidando com as*

emoções no mundo das diferenças.

A aplicação do questionário foi direcionada às situações mais importantes, vivenciadas pelos/as alunos/as durante o curso das intervenções pedagógicas. Foi um total de 07 questões, distribuídas para 26 discentes, sendo 13 alunas e 13 alunos. As questões foram de múltipla escolha. Com isso, analisaram-se os resultados, observando quais momentos tiveram mais relevância por parte dos estudantes.

A princípio, essa sondagem ocorreu por intermédio das ações pedagógicas, situadas no ano de 2018, provenientes do subprojeto nomeado *Giro Literário: saindo da caixinha*.

Os referidos dados representam as respostas das crianças sobre aquilo que obteve mais impacto para elas, com relação a todas as circunstâncias que elas vivenciaram durante a realização do projeto.

No ano de 2019, trouxemos expressões da linguagem verbal, tanto das crianças quanto dos familiares, dando respaldo à articulação, com fundamentos teóricos de alguns autores.

De acordo com a questão 1 (A ação *Giro literário, saindo da caixinha* te ajudou a gostar mais de ler?), observa-se, no quadro abaixo, um grande percentual positivo.

Quadro 1 – Dados relacionados ao gosto pela leitura, a partir da ação *Giro literário, saindo da caixinha*

SIM	NÃO	TOTAL
ALUNAS = 13	ALUNAS = 0	24 SIM
ALUNOS = 11	ALUNOS = 2	2 NÃO

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018)

É notório observarmos que a maioria das crianças, de ambos os sexos, ao responderem ao questionário, afirmaram que a ação nomeada *Giro Literário: saindo da caixinha* despertou neles ainda mais o gosto pela leitura. Assim, podemos destacar o quanto é fundamental os educadores, no contexto escolar, inovarem suas metodologias, testando novas formas de aproximar os educandos do universo da leitura, visto que “que o papel principal do mediador de leitura é fazer com que haja uma aproximação do leitor com a leitura” (SILVA, 2018).

Na segunda indagação (Você costuma frequentar a biblioteca da escola para ler?), visualizamos, no quadro 2, o que os alunos responderam a respeito de tal frequência.

Quadro 2 – A frequência com relação à ida dos estudantes à biblioteca, com intuito de ler

SIM	NÃO	TOTAL
------------	------------	--------------

ALUNAS = 6	ALUNAS = 7	SIM= 13
ALUNOS = 7	ALUNOS = 6	NÃO= 13

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018)

Percebemos uma parcialidade, tanto das alunas quanto dos alunos, na ida à biblioteca, para praticar a leitura, sendo, pois, um resultado satisfatório. O ato de ler, sem questionamentos, coopera para a fruição da imaginação criativa. Portanto, a biblioteca escolar é um lócus onde se pode avançar no potencial inventivo dos educandos, de modo a “[...] proporcionar aos alunos oportunidades de leitura intensa e autônoma, além de incentivar a busca de informação para responder a questionamentos [...]” (CALDEIRA, 2003, p. 47).

Na alternativa 3, os estudantes deveriam escolher os locais da escola que mais gostaram de efetuar os momentos de leitura compartilhada, como evidencia o quadro 3.

Quadro 3 – Espaços mais votados na ocasião da leitura compartilhada

BIBLIOTECA	SALA DE AULA	PÁTIO
ALUNAS = 7	ALUNAS = 5	ALUNAS = 1
ALUNOS = 9	ALUNOS = 1	ALUNOS = 3

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018)

A análise, segundo as afirmações dos/as alunos/as, deram um direcionamento acerca do lugar da biblioteca como o mais proveniente de aceitação para oferta de leituras do tipo compartilhada, tendo em vista que 16 educandos a escolheram, já a sala de aula obteve apenas 6 votos e o pátio contabilizou 4.

O partilhamento de leituras não se faz no esvaziamento somente da pronúncia de palavras sem a dialeticidade, mas com imaginação e criatividade. Tal modalidade de leitura assegura a viabilização aos saberes culturais, os quais se mobilizam na exteriorização do conhecimento. Por isso, faz-se necessário a educação escolar entusiasmar a formação de círculos de cultura ou círculos de leitura, embasados nas concepções de Freire (2011) e Cosson (2017). Sabendo disso, a biblioteca não deve ser o único local para se concretizar essas práticas, tendo a possibilidade de se realizarem dentro e fora do contexto escolar.

Na quarta questão, atentamos para o fato da significação das rodas de leitura durante o projeto. As respostas determinaram nas preferências entre sim e não, com o seguinte desfecho:

Quadro 4 – Relevância das rodas de leitura no percurso do projeto

SIM	NÃO	TOTAL
ALUNAS = 13	ALUNAS = 0	SIM = 24
ALUNOS = 11	ALUNOS = 2	NÃO = 2

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018)

Constatamos o teor da investigação como satisfatório, considerando que a maioria assinalou a importância da ocorrência dos círculos de leitura ao longo da realização do projeto. Essa estratégia de leitura suscita a participação, repercutindo na educação da palavra autêntica, submersa na inspiração da educação popular.

Nesse quesito, interpreta-se popular “como algo que arrasta consigo um procedimento que incentive a participação, ou seja, um meio de vinculação e promoção para a busca da cidadania” (NETO, 2011, p. 10). Entendemos as rodas de leitura não apenas como uma situação da oralização da voz, é mais que isso: advém da troca de esclarecimentos sobre o lido, circunscreve a comunicabilidade entre pensamento e linguagem do ser humano ao se expressar, tornando-se um pontapé inicial, para se transformar em cidadão da sua história.

A questão 5 foi respaldada na indagação a respeito das apresentações musicais, cênicas e poéticas na XX Semana da Cultura de Soledade/PB, na qual a escola esteve presente mais um ano.

Quadro 5 – Exposição teatral, poética e musical na XX Semana da Cultura

HISTÓRIA DE UMA GATA- CAIXA MÚSICA	A FORMIGUINHA E A NEVE-CAIXA TEATRO	AS MENINAS-CAIXA POÉTICA
ALUNAS = 4	ALUNAS = 7	ALUNAS = 2
ALUNOS = 4	ALUNOS = 8	ALUNOS = 1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018)

Por meio do quadro 5, percebemos que cada caixa representa um texto que foi socializado entre as crianças. Notamos a satisfação das crianças na dramatização, pois foi a alternativa que tiveram mais entusiasmo em expor na XX Semana da Cultura. Vale lembrar que o texto *A formiguinha e a neve*, dos Irmãos Grim, estava na caixa de contação de histórias, porém os estudantes indicaram esse enredo, para fazer parte da caixa de dramatização e, conseqüentemente, eles/elas desejavam essa história como peça teatral.

Em seus escritos, Vigotski (2014) já enfatizava que, na idade escolar, a criatividade teatral, sendo a criação artística infantil que a criança mais aprecie, ocorre por duas particularidades: a primeira, relacionada ao drama, sendo uma experiência com a realização da fantasia infantil, materializando suas emoções em práticas reais, mas basicamente representando aquilo que vê; a segunda forma de ligação é a brincadeira, eclodindo uma variedade de composições feitas pelas crianças desde a caracterização, tendo o jogo lúdico no jeito de interpretar os personagens e na criação do cenário.

Podemos constatar, por alguns registros das falas das crianças, o seu apreço pelo teatro, quando verbalizaram que *“adorei ser a formiguinha na peça, várias vezes brinquei com minha irmã, onde ela era a neve e eu a formiga”*; *“queria mostrar como fico vestida de sol”*; *“eu tive o poder para tirar dos pés da formiga a neve”*.

Assim, são esses respaldos, com relação à dramatização, que observo o quão é magnífico proporcionar às crianças a possibilidade de atuarem, revelando seu protagonismo e tendo prazer na ilustração de suas atuações. É cabível assinalar esses posicionamentos cruciais para o desenvolvimento humano, pois ativam o cognitivo, o emocional, o motor e o social da criança.

A questão 6 faz referência à leitura em família. No quadro abaixo, verificaremos as decorrências.

Quadro 6 – A leitura em família

SIM	NÃO	TOTAL
ALUNAS = 10	ALUNAS = 3	SIM = 19
ALUNOS = 9	ALUNOS = 4	NÃO = 7

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018)

Nas respostas, a maioria das crianças sinaliza que lê com a família. Desse modo, a família, como primeira instância educativa, deve tornar essa relação da leitura com seus filhos como vital. A escola é, por excelência, o ambiente sistematizado para formação de leitores. A leitura traz benefícios em várias esferas da vida humana, inclusive, aperfeiçoa a consciência psicológica do leitor. Além dos/as professores/as, os familiares funcionalizam sua tarefa de mediar a leitura, e a gênese interacionista dessa ação influencia na progressão do aprendizado dos/as filhos/as na educação escolar e para vida. Com efeito,

O gosto pela leitura está diretamente associado aos estímulos que são proporcionados à criança desde muito cedo. O contexto familiar é de grande

importância. Quando a criança cresce no meio de livros e vê a sua volta, adultos lendo é despertado nela o hábito de ler, considerando que a formação de um leitor não se dá através de produtos, e sim, de estímulos. (NASCIMENTO; BARBOSA, 2006, p. 1)

Para tanto, a família tem sua parcela exponencial, quando o assunto é a colaboração no amadurecimento da capacidade leitora da criança, pois é no contexto familiar, esse lugar afetivo, onde se edificam os hábitos e os costumes dos pequenos, sendo um dos meios para se alcançar o entusiasmo.

Na última questão, encontram-se os momentos mais marcantes, escolhidos pelos/as alunos/as, ilustrando seu encantamento pelo projeto, através das seguintes ações:

- A) Visitando outras turmas, cantando a música *História de uma gata*
- B) A Construção do livro: *Pedrinhos e Marias não querem se calar*.
- C) Apresentação da Peça: *A formiguinha e a neve*, na semana da cultura
- D) Inauguração do cantinho da leitura na biblioteca
- E) A participação da família no encerramento das atividades do projeto.

Quadro 7 – Momentos marcantes, simbolizando o gosto dos estudantes pelo projeto

A	B	C	D	E
ALUNAS = 6	ALUNAS = 0	ALUNAS = 5	ALUNAS = 2	ALUNAS = 2
ALUNOS = 5	ALUNOS = 0	ALUNOS = 5	ALUNOS = 1	ALUNOS = 1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018)

Na última questão, é nítido verificar, dentre as opções postas, que as predileções ficaram na seleção A – Visitando outras turmas, cantando a música *História de uma gata*, de Chico Buarque e a C – A apresentação da peça *A formiguinha e a neve*, na semana da cultura.

Tais preferências das crianças se dão pelo fato de a música, a dança e a dramatização serem manifestações artísticas, nas quais a performance, advinda da linguagem corporal, atribui-se uma interpretação daquilo que os estudantes tiveram contato ou pela cultura literária, por escutas e imitação.

A BNCC (2017) traz no bojo do seu segmento curricular o ensino de arte com a proposta “A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte” (BNCC, 2017, p. 195). Dessa maneira, constatamos que as manifestações artísticas são potencialidades de fomento a uma educação que faça sentido na vida dos educandos, sendo norteadas pela

ascensão da inventividade, criação e recriação.

Em 2019, não utilizamos questionário, porém, traremos, no caminhar das discussões vigentes, algumas citações das crianças e famílias que são ferramentas de análise para entender a significância do subprojeto para além dos muros da escola. Todas as falas mencionadas foram retiradas do caderno de campo, ao qual fiz todos os registros, tanto das atividades quanto dos questionamentos das famílias e dos/as alunos/as.

Durante as intervenções, obtivemos demonstrações dos sujeitos da pesquisa sobre suas inquietações. O primeiro foi na dinâmica da leitura em família, momento em que solicitei aos estudantes que escolhessem livros de sua preferência, na volta, registrávamos o nome da obra. A orientação era a de que eles efetuassem, junto às famílias, a produção de leituras de histórias em família; eles figuravam como os próprios contadores da história ou ao contrário.

Na seção leitura de livros de história em família, alguns familiares fizeram os seguintes relatos: *“percebi minha filha gostando da história e isso para mim valeu a pena”*; *“tudo que faço com ele é prazeroso”*; *“eu a vi lendo a história para irmã e me emocionei”*.

O resultado, por meio das filmagens ou fotos, foi emocionante, com respaldo para a criatividade, pois eles produziram um local especial para o momento. Percebi o quanto o papel do educador é excepcional, atribuindo valorização a uma educação que se relacione para além do contexto escolar, permitindo, em sua metodologia, incentivar esse olhar para a sociedade, buscando aqui uma possibilidade de integração à instituição família. Nas palavras de Silva (2017, p. 173),

A Educação precisa olhar para sociedade e a sociedade precisa penetrar na escola, pois o isolamento produz um estranhamento que, torna mais complexo e de difícil resolução referentes às relações que envolvem Educação, sujeito e sociedade. Tal relação envolve o ser humano e o mundo indissociáveis.

Gestar, pedagogicamente, a ruptura do individualismo, que se perfaz na história da humanidade, é justamente credibilizar que a educação precisa ter esse olhar mais aguçado sobre a vida, numa interpretação problematizadora da história. Assim, a escola é um caminho, onde os seres humanos perpassam com seus saberes advindos da sua cultura e passam a perceber a existência de outras culturas.

Nesse viés, presenciamos, na culminância da ação intitulada *Clube da leitura: lidando com as emoções no mundo das diferenças* – ao convocarmos os estudantes a dizerem numa palavra o que representou o projeto para a vida deles – uma criança mencionou a palavra “perspectiva”, não sendo apenas o eco de uma palavra esvaziada de significados, mas nos soava como esperança, “da história como possibilidade e não determinismo” (FREIRE, 1992,

p. 91-92). Dessa forma, é viável pensar que o projeto educação mobilize as subjetividades dos sujeitos, perfazendo o ideário da luta pela emancipação dos sonhos possíveis.

Traremos a seguir o olhar das docentes acerca desse diálogo entre extensão universitária e escola.

4.3 A percepção das professoras perante o projeto de extensão em parceria com o ensino básico, para o desenvolvimento da criatividade das crianças e da comunidade escolar

Certificamos aos leitores que, para preservar a identidade das docentes, que passaram pelas entrevistas, atribuímos pseudônimos, como Giro Literário e Clube da leitura.

Ao descreverem como foi a participação dos estudantes no projeto de extensão *Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana*, mediante o desenvolvimento dos subprojetos: *Giro Literário: saindo da caixinha* (2018) e *Clube da leitura, lidando com as emoções no mundo das diferenças* (2019), em consideração a ressignificação da leitura, no contexto escolar, as professoras fizeram as seguintes declarações:

Eu achei que teve uma participação muito significativa, pois eles se empolgaram muito com o projeto, se dedicaram e viram que, a partir da leitura prazerosa, fica mais fácil eles aprenderem (GIRO LITERÁRIO, 2018).

Foi de grande proveito, porque os alunos/as conheceram novos livros, fizeram uma interação com a família e percebi que eles ficaram mais desinibidos para se expressarem oralmente (CLUBE DA LEITURA, 2019).

Conforme os enunciados das professoras, nota-se que as ações elaboradas propuseram aos/às alunos/as uma aproximação mais vindoura com a constituição da leitura deleite na escola, menos monótona e intrínseca de afinidades entre texto, leitor e contexto; conjuntamente, obteve-se um entrosamento com as famílias e, por conseguinte, elas deram pistas de que os caminhos percorridos nessas intervenções tiveram uma aceitação relevante na desenvoltura comunicativa dos/as alunos/as, inclusive nas falas dos familiares, durante as reuniões e conversas informais.

Destarte, é plausível destacar que o projeto de extensão universitária alcançou um respaldo positivo, quando a proficuidade, na sua dinâmica educativa, perfaz “o exercício do pensamento crítico e do agir coletivo” (NETO MELO, 2014, p. 93). Sendo assim, em detrimento da manutenção do íntegro exercício da participação mútua, imersa à perspicaz linguagem humana, aquela endereçada à demonstração concreta dos saberes emergidos pela

cultura das relações prevaletentes pelo diálogo íntegro com a comunidade, perfazendo a lógica de uma educação comprometida, humanamente numa visão emancipatória, superando a pedagogia do imobilismo, a qual paralisa a conscientização do mundo.

Para Freire (2006), a extensão só é comunicação pelo intermédio da conexão entre “pensamento-linguagem-contexto”, se exprimindo pela articulação com a leitura da realidade. O ato não é estender a outras localidades aquele saber já condicionado, mas procurar, na elaboração de uma comunicação significante, maneiras de anunciar os signos linguísticos como instrumentos da interação do indivíduo com o meio real, com vistas a transformá-lo. Como vimos em Vigotski (1998), esses signos correspondem à fala, ao comportamento, à escrita, à memória, à percepção, à atenção, entre outros.

No que se refere às entrevistadas, no decorrer das atividades do projeto, a percepção da ressignificação da leitura, tanto na escola quanto no ambiente da sala de aula, elas concluíram que:

Teve, sim, pois, a partir do projeto, eu vi o interesse das crianças em pegar livros para lerem e estarem mais empolgadas. Na caixinha de leitura, sempre pegarem livros para lerem e levarem para casa, vi que foi muito bom (GIRO LITERÁRIO, 2018)

Sim. Devido ao aumento de procurar livros para lerem na escola, em casa e na sala de aula (CLUBE DA LEITURA, 2019).

Nessas falas das docentes do ensino básico, transparece que o projeto estimulou os discentes a irem em busca dos livros e, até mesmo, iniciarem o gosto por outras referências literárias, não só as trabalhadas durante as atividades pedagógicas. Outra discussão em suas citações é a importância que elas atribuem à autonomia dos educandos, ao levarem os livros para casa, propiciando uma leitura extraescolar.

Cosson (2017) nos assevera que, por excelência, a escola deve se tornar a zona de refrigeração da leitura literária. Em uma de suas investigações, ele destaca que a falta da vontade de ler está associada à justamente, no ambiente da escola, os estudantes se depararem com a precariedade do incentivo. Nesse sentido, é na escola que se oferta uma gama de obras literárias. Portanto, cabe a ela preencher a lacuna dessa estimativa negativa, apontada pelo autor, proporcionando o seu uso por toda parte, ascendendo às práticas sociais da leitura.

A leitura favorece o desenvolvimento das capacidades cognitivas e a pura desfrutação da criatividade. Por isso, ela não pode ser vista como uma imposição, ou seja, uma regra, “ler, não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto” (FREIRE, 1997 p. 20). Assim, ler é fazer cultura, é tarefa difícil e exigente

para quem se propõe a fazer uma leitura eticamente responsável. Portanto, ela deve estar de forma abundante em todas as faixas etárias do percurso escolar, desde a educação infantil até outros estágios do desenvolvimento da pessoa humana, de maneira prazerosa, e só quem pode mediar essa alternativa, na escola, é o educador.

Constata-se, então, que a função da mediação é imprescindível, Vigotski (apud FONTANA, 1997, p. 60) argumenta que “o que a criança necessita [...] é de oportunidades para adquirir novos conceitos e palavras na dinâmica das interações verbais, mediadas pelo professor”. Na concepção desse teórico, as interações são basilares na mediação para formação do conhecimento na criança, o/a professor/a mediador/a tem a oportunidade de estar apresentando, a cada ciclo do desenvolvimento da aprendizagem, estudos inovadores e desafiadores, inalienáveis ao avanço da linguagem oral e escrita.

Em relação à descrição das atividades que as docentes do magistério consideraram mais relevantes durante a elaboração do projeto, as respostas foram:

As mais significantes! Foram as escutas das músicas, dos áudios, a dinâmica da brincadeira com as caixinhas, que as crianças levaram objetos que tem a ver com os textos e eles faziam relação daquele objeto com o texto trabalhado, acho que foi uma das mais importantes (GIRO LITERÁRIO, 2018).

No primeiro momento, foi trabalhado o livro “Flicts”, de Ziraldo, que, a partir dele, foi realizado uma peça teatral, também a poesia de Ruth Rocha, no qual eles puderam declamar os livros que eles levaram para casa para lerem com a família e a produção dos livros que eles puderam apresentar no momento da culminância (CLUBE DA LEITURA, 2019).

Os resultados, aqui evidenciados nos relatos das professoras, mostram, primeiramente, através do Giro Literário (2018), a atividade mais satisfatória foi o jogo lúdico com as caixas; a musical trouxe a importância no processo criativo do trabalho com a linguagem musical, reacendendo a concentração ao ouvir uma melodia, o corpo e sua transferível aliança com o som. É necessário o/a professor/a incluir a música cada vez mais em seu repertório metodológico, pois

As crianças são extremamente ativas, por meio de movimento, experimenta suas possibilidades e seus limites motores. A música pode caracterizar por trabalhar a criança em seus movimentos mais amplos, com os quais é estimulada a compreender progressivamente seu corpo, podendo afirmar-se e obter a autoconfiança necessária à sua autonomia, e um grande potencial de criatividade (GOÉS, 2009, p. 4-5).

Percebemos o quanto esses momentos, nos quais a música se perfaz na escola, contemplam descobertas, nos quais a criança explora conquistas fascinantes em torno de uma interligação do abstrato com o concreto. A música tem o poder de libertar na criança sua

promissora desinibição da imaginação criativa e isso só se torna uma alternativa possível, através dos estímulos que são ofertados na educação escolar.

Em segunda instância, nas argumentações do Clube da Leitura (2019), três atividades foram primordiais no desenvolvimento do projeto em conjunto com a escola. A primeira esteve centrada no respaldo da dramatização, a partir da leitura do texto *Flicts*, obra do autor Ziraldo. Nessa confluência, a linguagem teatral constitui um comportamento de atuação que os educandos constroem, refletidas pela leitura inventiva, que se exprime mais habitual na infância, uma vez que “A criatividade ou a dramatização é o que mais se aproxima da criatividade literária da criança. Juntamente com a criatividade verbal, a dramatização, ou a representação teatral é o gênero mais frequente e comum da criação artística infantil” (VIGOTSKI, 2014, p. 87). Nesse aspecto, a compatibilidade da junção drama e criação literária é suscetível à bagagem cultural, captada pela criança no seu cotidiano.

Na segunda atividade, considerada pertinente, faz jus a poesia, indispensável ao delineamento na construção da oralização, por meio da declamação. A propósito, o feito do declamar, no gênero literário poesia, se correlaciona como uma das características pertencentes à cultura poética. Todavia, “É evidente que vale a pena trabalhar a poesia na sala de aula. Mas não qualquer poesia, nem de qualquer modo” (PINHEIRO, 2018, p. 15).

Nessas condições, o relacionamento com a poesia na sala de aula deve permitir respeitar sua especificidade, despertando, a cada reencontro com a literatura poética, por parte do docente, uma certa renovação, em suas convicções interpretativistas sobre o poema recitado. O trabalho com a poesia na escola não deve ser uma receita de ditames estabelecidos a critério de quem proporciona esse encontro, pois a poesia deve ser sentida na feição da leitura sensível e isso passa inicialmente pela pulsante sensação de tocar o prisma das emoções.

Por fim, a terceira atividade exitosa que a entrevistada aponta foi a leitura em família e a produção dos livros confeccionados pelos/as alunos/as. Esse respaldo nos advém do reconhecimento da atribuição significativa da família estar efetivamente engajada nesse cultivo à leitura. Talvez, a escola ainda seja, para as crianças das camadas populares, o único lugar desse encorajamento, “então cabe as escolas intermediar a família, mostrando tal importância por meio de reuniões ou mesmo projetos de incentivo a leitura que envolva escola e família” (RODRIGUES, 2016, p. 53).

Nessa direção, a conscientização política se faz atuante numa escola cujos seus professores e professoras lutem na oferta de oportunidades iguais, aos menos os abastecidos economicamente no acesso à leitura. Freire (1996) enxergava no educador o dever e a

possibilidade de brigar a favor do respeito à identidade do educando, o que demandava uma coerência entre o dizer e o fazer. Sabendo disso, a boniteza do falar, impregnada de certezas, não venha a se tornar mero “blá-blá-blá”, mas excêntrica postura reflexiva perante uma prática sólida.

Essa ressonância de fatos acentua a excelência do diálogo entre extensão universitária e escola, por meio de projetos, no vínculo apregoado no exercício da competência, da amorosidade, clareza da apreensão da vivência real, onde se encontram homens e mulheres, construtores de sua história.

Outra discussão levantada pelas professoras faz menção à significância do projeto na sua formação docente. As respostas a essa questão foram:

Todo projeto bem elaborado, bem trabalhado em sala de aula tem um resultado muito significativo, porque as crianças se empolgam e não é um trabalho só do professor, é um trabalho em equipe, do professor com os alunos e, a partir do desenvolver do projeto, a gente vai criando mais estratégias e melhorando nossa prática. Então, o projeto de extensão: Mobilização da cultura de emancipação humana, ele contribuiu bastante na minha formação como educadora, apesar de ter vários anos em sala de aula, todos os projetos que vem vai trazendo e inovando; Assim, a gente faz vinte anos que saiu da universidade chega uma menina nova com novidades, com outras estratégias e isso contribui. A gente não fica tão para trás, vê o que está vendo hoje tem muito a ver com aqui que a gente viu anos atrás e que a gente aprendeu e com renovações e que isso ajuda muito ao professor a melhorar sua prática no dia a dia, aprendendo mais e isso é muito importante trabalhar em equipe (GIRO LITERÁRIO, 2018).

Significou momentos de grande interação entre alunos/as, professor/a e a família. E eu tive a oportunidade de conhecer novos autores, também a interação com a equipe de extensão, que colaborou para minha formação. Para mim, veio num momento muito bom, no final da carreira, muito cansada, as dinâmicas construídas em conjunto ajudaram a fortalecer minha autoestima enquanto profissional e ser humano. Achei interessante também a interação com as pessoas da extensão, no caso, os estudantes universitários trazerem novas metodologias; a troca de experiências com você da área de pedagogia. Sabe, minha formação foi em Letras e esse projeto acrescentou muito novos conhecimentos pedagógicos, melhorando, assim, minha prática pedagógica em sala de aula (CLUBE DA LEITURA, 2019).

De acordo com as professoras, percebe-se que estas anunciam a contribuição do projeto de extensão em sua formação profissional e humana. Dessa maneira, nota-se que a intervenção feita na esfera escolar auxiliou para favorecer o desenvolvimento da aprendizagem das educadoras, cooperando para que elas enriquecessem sua prática pedagógica em sala de aula. Em um dos trechos da entrevista, elas enfatizam que o projeto de extensão fortaleceu a construção de um trabalho em equipe, dando pistas a perceber a inclusão de inovadoras metodologias, contribuintes a assunção da criação coletiva de conhecimentos.

Nas argumentações do “Clube da leitura (2019)”, o entrosamento com as pessoas integrantes do projeto de extensão fortaleceu sua autoestima em uma circunstância do final da

sua atuação no magistério. Esse olhar acerca da colaboração que o projeto fomentou deu espaço para pensarmos o quanto essa aproximação da universidade com instituições da sociedade possibilita a melhoria de vida das pessoas imersas nesse projeto de natureza coletiva, amenizando o individualismo, no qual prioriza avançar, no sentido da exclusão social.

Segundo Morin (2000, p. 54), “As interações entre indivíduos produzem a sociedade, que testemunha o surgimento da cultura, e que retroage sobre os indivíduos pela cultura”. Nesse ponto de vista, o ser humano produz cultura, pela sua intermediação com o mundo e os outros advêm os hábitos e costumes. Porém, isso não é estático, a partir do instante em que os sujeitos familiarizam com outros saberes culturais, a partir do envolvimento com o universo cultural e outras pessoas, seus modos de pensar e agir se modificam. Na educação escolar, não é diferente, partindo da formação dos professores, os quais precisam do engajamento com outras culturas, justamente para ofertar um ensino qualificável aos educandos. Em vista disso, o projeto de extensão compartilhou diferentes formas de trabalho com a cultura literária e isso culminou na ressignificação na formação das professoras do ensino básico.

A última pergunta se direcionou em saber a percepção das educadoras acerca do projeto de extensão em relação à criatividade, à imaginação e à autonomia de seus/as alunos/as. As professoras explicitaram que:

O projeto de extensão, além de ter trabalhado a partir da leitura, também trabalhou a dramatização, onde as crianças foram muito autoras daquela peça e se empolgaram bastante para fazer e gostaram muito. Eu acho que aquela parte do texto: a formiguinha e a neve foi um ponto muito significativo para eles, porque a criatividade, o desejo de participar como autores foi muito significativo (GIRO LITERÁRIO, 2018).

O projeto trouxe uma metodologia diferente, pois teve várias situações inovadoras, no qual o projeto trouxe uma dinâmica diferente para trabalhar a leitura na escola, como as rodas de leitura, as gravações de vídeos, as contações de histórias no pátio, envolvimento com as músicas, a produção verbal e não verbal, criação de desenhos, histórias e a expressão corporal, ah! lembro da música “Ninguém é igual a ninguém”. Foi interessante os alunos/as terem escolhido livros da escola e levarem para casa, semeando uma contação de histórias em família. Teve família que preparou um ambiente acolhedor para o momento da leitura. Foi significativa nesta troca o momento da culminância, onde a leitura trouxe os pais para sala de aula dos filhos/as, proporcionando uma abertura de diálogo entre família e escola. A leitura proporcionou momentos prazerosos e eu considero isso muito importante, no momento em que a tecnologia está tomando o espaço dessa leitura e, conseqüentemente, roubando a troca de afetividade entre filhos/as e família (CLUBE DA LEITURA, 2019).

As professoras demonstram a importância do envolvimento das crianças no processo de construção da vivência como algo mais significativo do que o resultado em si, pois “Não se

deve esquecer que a lei básica da criatividade infantil em seu valor não reside no resultado, no produto da criação, mas no processo” (VIGOTSKI, 2014, p. 90). Nessas condições, o exercício da criação na infância, o que se torna relevante não é o material em si, captado pelo trabalho criativo, mas a trajetória, regada na superação dos obstáculos, para se almejar o produto da criação.

Elas concluem que, partindo da leitura, aconteceu uma confluência com a linguagem teatral, musical, a efetuação dos desenhos, a contação de histórias, as rodas de conversa, o diálogo entre família e escola, dando indícios de que essas ações apontam para a nutrição tanto do intelecto quanto das capacidades psicomotoras, afetivas, sociais e emocionais. Segundo Júnior Lima (2007, p. 33),

A leitura nos proporciona o conhecimento; a realidade só se apresenta integralmente por meio da leitura; a leitura assim como a escrita, é a expressão máxima da inventividade, da criatividade e da intelectualidade do homem; a leitura nos leva a uma viagem pelo imaginário. Ler é se apropriar do acervo de conhecimentos e experiências da humanidade; a leitura é a fruição do belo, da estética; ler é nutrir-se da memória do homem [...].

Assim, a leitura fecunda uma práxis para além dos moldes decodificantes e codificantes das palavras, permitindo o desenvolvimento da imaginação e criatividade, à medida que os seres humanos têm convivência com os instrumentos culturais, feitos por gerações passadas. Ler é a mais sublime abstração de tocar o mundo, visualizar, no significado dos enredos, a mais pura conotação do sensibilizar da subjetividade humana, pisando no reino da ludicidade, no qual a fantasia irradia os sentidos ao desenvolvimento da curiosidade.

5 CONCLUSÃO

Vimos que a extensão universitária, intermediada pelos projetos de extensão, partilha possibilidades no diálogo com a escola, com trilhas abertas ao desenvolvimento da criatividade. Com isso, a universidade não pode se ilhar ao que acontece na sociedade. Assim, faz-se necessário a comunicação com instituições do ensino básico, por onde passam homens e mulheres na sua etapa de escolarização. Isso é fundamental em resposta a uma alternativa ao aniquilamento do distanciamento entre os conhecimentos universitários e os da escola básica, fundantes em uma prática educativa, orientada pela Educação Popular.

Do ponto de vista da formação dos estudantes universitários, os projetos de extensão funcionalizam uma oportunidade ao pleno contato dos/as licenciandos/as para além dos muros da universidade, tendo uma abertura para se colocar em prática os estudos de cunho teórico. Por assim dizer, construindo processos de ensino/aprendizagem, embasados na práxis educativa, com a intenção de uma formação mais ética, profissional e científica aos integrantes dos cursos de graduação.

A relação universidade-extensão-escola reacendeu, nas práticas pedagógicas banhadas na confluência do ímpeto da pedagogia criativa, proposições ao pensar uma escola, em que o acesso ao compartilhamento de saberes seja o alimento no processo de construção de experiências na ótica do avivamento da cultura, no qual o aprendizado flua em colaboração com a leitura de mundo, de si e dos outros. A partir desse encontro, observamos o alcance de várias possibilidades para o desenvolvimento da criatividade.

As vivências no âmbito da extensão universitária e suas implicações na constituição de uma práxis educativa popular na escola se fortaleceram no exercício da solidariedade humana e na autêntica reciprocidade, fundada na coparticipação.

A extensão universitária proporcionou a construção de um projeto coletivo, o qual envolveu educadoras, educandos, estudantes da universidade e a coordenadora do projeto de extensão. Tal projeto instigou o acesso à cultura literária, fomentando o hábito da leitura escolar e extraescolar.

A Educação demonstrou, nessas pretensões, que somos seres de comunhão com o outro e com o mundo, mas em constante situação de inacabamento, de modo que os estímulos ao desvelamento da imaginação e criatividade, na esfera da educação escolar, fortaleceu os laços de esperança por um mundo melhor.

Os desafios alcançados, diante da problemática proposta, de como a extensão universitária, em diálogo com a escola, pode criar possibilidades para desenvolvimento da

criatividade, pode ser respondida no curso desta pesquisa, através do relato de experiências, ancorado pelas ações de dois subprojetos, o *Giro literário: saindo da caixinha*, ocorrido em 2018 e o *Clube da leitura: lidando com as emoções no mundo das diferenças*, em 2019.

Esses dois subprojetos não só incentivaram o gosto pela leitura, mas também acrescentaram na contribuição da formação das professoras do ensino básico, por mediar várias estratégias, dando abertura a diversificadas formas de conectividade entre pensamento e linguagem, por intermédio das várias formas de expressão da arte, através do teatro, música, poesia, dança, desenho e escrita.

A vivência em comunidade resplandeceu apreciações, aqui retratadas, perante a riqueza nos respaldos positivos que as famílias, as crianças e as docentes do magistério relataram. As declarações desses sujeitos reforçam o quanto foi significativa a atividade educativa, baseada não em relações verticais, apontadas por Freire como bancarismo, que servem aos moldes da educação tradicional.

Essa experiência dialógica entre a universidade e a escola, substanciada pela extensão universitária, evidenciou que essa relação é profícua e indispensável aos processos de formação de universitários, de estudantes do ensino básico e formação continuada das professoras do magistério, possibilitando o uso de práticas educativas que culminam para a invenção ou a reinvenção da criatividade humana. Isso se revela nas falas dos protagonistas e das protagonistas desta pesquisa.

Espera-se que este estudo possa semear novos diálogos entre universidade e escola básica, acreditando que essa relação possa sanar lacunas que impossibilitam o avivamento da criatividade, que é iminentemente humana.

Por fim, o verdadeiro sentido desta pesquisa consistiu na realização do sonho por uma educação libertadora, provocadora no despertar da autonomia, sensibilidade, entusiasmo, erros, acertos, utopia, alegrias, reflexões, permeada de calor humano e criatividade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.
- ALENCAR, Eunice. **A criança na família e na sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ALENCAR, F. M. L. S; OLIVEIRA, Z. M. F. **A criatividade faz a diferença na escola: o professor e o ambiente criativos**. Itajaú: Contrapontos- volume B-n2, 2008.
- ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- ANDRÉ, M. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto lei nº 19.851, de 11 de abril de 1931**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24 jan. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 23 jan. 2021.
- BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil Art. 207 de 1988**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10650167/artigo-207-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017.
- CALADO, Alder Júlio Ferreira. Educação popular nos movimentos sociais do campo: potencializando a relação macro-micro no cotidiano como espaço de exercício da cidadania. In: MELO NETO, José Francisco de.; SCOCUGLIA, Afonso Celso (Orgs.). **Educação popular: outros caminhos**. João Pessoa/PB: Editora Universitária/UFPB, 1999.
- CALDEIRA, Paulo da Terra. O espaço físico da biblioteca. In: CAMPELO, Bernadete Santos. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 47-50.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leituras e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.
- CRUZ. Pedro José Santos Carneiro; VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Caminhos da aprendizagem na extensão universitária: reflexões com base em experiência na Articulação**

Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Hucitec, 2017.

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotsky**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1996.

FALCÃO, Emanuel Fernandes. **Vivência em comunidade: outra forma de ensino**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: carta pedagógica e outros escritos**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: carta pedagógica e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FONTANA, Roseli. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOÉS, R. S. A Música e suas possibilidades no desenvolvimento da criança e do aprimoramento do código linguístico. **Revista da UCEAD**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 27- 43, 2009. Disponível em:

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/view/1932/1504>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. **Leitura, mediação e apropriação da informação**. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org). Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 2007.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura infantil: a fantasia e o domínio do real**. Teresina: UFPI, 2001.

MATOS, Josicleide da Silva. **A cultura da contação de histórias: ressignificando saberes na formação de leitores**. 2017. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação, 2017.

MÉLO, Celâny Teixeira de. **Extensão Universitária: possibilidade de ampliar a formação acadêmica frente às demandas da sociedade**. 2018. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação, 2018.

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão Popular**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

MELO NETO, José Francisco de. **Prefácio**. In: SILVA, Adelmo Carvalho da; CARVALHO, Ademar de Lima; MACHADO, Aline Maria Batista. **Educação popular, práxis pedagógica e cidadania**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

MELO NETO, José Francisco. **Extensão Universitária: uma análise crítica**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

MÉSZÁRIOS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NASCIMENTO, T. A. S.; BARBOSA, M. L. F. A influência da escola e da família no estímulo à leitura na educação infantil. In: BORBA, B. A. (Org.). **Caderno de Trabalhos de Conclusão do Curso de Pedagogia**. Recife: UFPE, 2006, v.1. Disponível em: <https://www.ufpe.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

NOGUEIRA, Maria das Graças Pimentel. **Extensão Universitária no Brasil: uma Revisão Conceitual**. In: FARIA, Dóris Santos de (Org.). **Construção Conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

- QUADROS, Sheila Fabiana de. **Criatividade no ambiente escolar**. Paraná: Unicentro, S/D.
- RASIA, Maria da Guia Rodrigues. Implicações da psicologia histórico-cultural para a pesquisa em educação. In: RASIA, Maria da Guia Rodrigues; MELO, Rosemary Alves de; SANTIAGO, Zélia Maria de Arruda. **Desenvolvimento Humano e educação escolar: enfoques teóricos e práticas educacionais**. João Pessoa: Ideia, 2017.
- REIS, Rose. **Pétalas e Espinhos: a extensão universitária no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cia. dos Livros, 2010.
- RODRIGUES, Cássia Regina Machado. **A influência família no hábito de leitura**. 2016. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, 2016.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Nelsânia Batista da; COSTA, Luciélino Marinho da. Educação e emancipação humana: vivências de processos educativos no âmbito da extensão universitária. In: International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD. **Revista de Psicologia**, n.1 - Volumen 1., ISSN: 0214-9877. p:127-136, 2019.
- SILVA, Nelsânia Batista da. Educação e psicologia: os desafios sócio-históricos na perspectiva de emancipação. In: RASIA, Maria da Guia Rodrigues; MELO, Rosemary Alves de; SANTIAGO, Zélia Maria de Arruda. **Desenvolvimento Humano e educação escolar: enfoques teóricos e práticas educacionais**. João Pessoa: Ideia, 2017.
- SILVA, Solimar. **Práticas de leitura: 150 ideias para despertar o interesse dos alunos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- SÍVERES, Luiz. **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Líber Livro, 2013.
- SOUSA SANTOS, Boa Ventura de. **A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- THIOLLENT, Michel. A inserção da Pesquisa-Ação no Contexto da Extensão Universitária. In: Brandão, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Brasília, 1948. Disponível em: <https://www.unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423>>. Acesso em: 24 fev. 2021.
- VALE, Ana Maria do. **Educação popular na escola pública**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e Criatividade na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

UEPB- UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

1. O projeto de extensão: Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana desenvolveu na escola duas ações denominadas Giro Literário: saindo da caixinha e Clube da leitura: lidando com as emoções no mundo das diferenças. Como você analisa a participação dos estudantes no desenvolvimento da leitura no âmbito da escola?
2. No decorrer das ações do projeto, você percebeu se a leitura teve uma ressignificação no ambiente da sua sala de aula e na escola?
3. Descreva quais foram às atividades que você considerou mais relevantes durante o desenvolvimento do projeto?
4. Qual o significado do projeto na sua concepção como educadora?
5. Qual o olhar que você tem acerca do projeto de Extensão em relação à criatividade, à imaginação e à autonomia de seus/as alunos/as?

ANEXO A – ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS DO ENSINO BÁSICO

Professora: Giro literário (3º ano/manhã – ano 2018) e Professora: Clube da leitura (4º ano/manhã – ano 2019).

1. O projeto de extensão: Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana desenvolveu na escola uma ação denominada Giro Literário: saindo da caixinha no ano de 2018 e Clube da Leitura: lidando com as emoções no mundo das diferenças, em 2019. Como você analisa a participação dos estudantes no desenvolvimento da leitura no âmbito da escola?

Professora (Giro literário): Eu achei que teve uma participação muito significativa, pois eles se empolgaram muito com o projeto, se dedicaram e viram que, a partir da leitura prazerosa, fica mais fácil eles aprenderem.

Professora (clube da leitura): Foi de grande proveito, porque os alunos/as conheceram novos livros, fizeram uma interação com a família e percebi que eles ficaram mais desinibidos para se expressarem oralmente.

2. No decorrer das ações do projeto, você percebeu se a leitura teve uma ressignificação no ambiente da sua sala de aula e na escola?

Professora (Giro literário): Teve, sim, pois, a partir do projeto, eu vi o interesse das crianças em pegar livros, para lerem e estarem mais empolgadas. Na caixinha de leitura, sempre pegarem livros, para lerem e levarem para casa, vi que foi muito bom.

Professora (clube da leitura): Sim. Devido ao aumento de procurar livros para lerem na escola, em casa e na sala de aula.

3. Descreva quais foram às atividades que você considerou mais relevantes durante o desenvolvimento do projeto.

Professora (Giro literário): As mais significantes! Foram as escutas das músicas, dos áudios, a dinâmica da brincadeira com as caixinhas, que as crianças levaram objetos que tem a ver com os textos e eles faziam relação daquele objeto com o texto trabalhado, acho que foi uma das mais importantes.

Professora (clube da leitura): No primeiro momento, foi trabalhado o livro “Flicts”, de Ziraldo, que, a partir dele, foi realizado uma peça teatral, também a poesia de Ruth Rocha, no qual eles puderam declamar, os livros que eles levaram para casa para lerem com a família e a produção dos livros que eles puderam apresentar no momento da culminância.

4. Qual o significado do projeto na sua concepção como educadora?

Professora (Giro literário): Todo projeto bem elaborado, bem trabalhado em sala de aula tem um resultado muito significativo, porque as crianças se empolgam e não é um trabalho só do professor é um trabalho em equipe, do professor com os alunos e, a partir do desenvolver do projeto, a gente vai criando mais estratégias e melhorando nossa prática. Então, o projeto de extensão: Mobilização da cultura de emancipação humana, ele contribuiu bastante na minha formação como educadora, apesar de ter vários anos em sala de aula, todos os projetos que vem vai trazendo e inovando. Assim, a gente faz vinte anos que saiu da universidade chega uma menina nova com novidades, com outras estratégias e isso contribui. A gente não fica tão para trás, vê o que está vindo hoje tem muito a ver com aqui que a gente viu anos atrás e que a gente aprendeu e com renovações e que isso ajuda muito ao professor a melhorar sua prática no dia a dia, aprendendo mais e isso é muito importante trabalhar em equipe.

Professora (clube da leitura): Significou momentos de grande interação entre alunos/as, professor/a e a família. E eu tive a oportunidade de conhecer novos autores, também a interação com a equipe de extensão que colaborou para minha formação. Para mim, veio num momento muito bom, no final da carreira, muito cansada, as dinâmicas construídas em conjunto ajudaram a fortalecer minha autoestima enquanto profissional e ser humano. Achei interessante também a interação com as pessoas da extensão, no caso, os estudantes universitários trazerem novas metodologias; a troca de experiências com você da área de pedagogia. Sabe, minha formação foi em Letras e esse projeto acrescentou muito novos conhecimentos pedagógicos, melhorando, assim, minha prática pedagógica em sala de aula.

5. Qual o olhar que você tem acerca do projeto de Extensão em relação à criatividade, à imaginação e à autonomia de seus/as alunos/as?

Professora (Giro literário): O projeto de extensão, além de ter trabalhado partir da leitura, também trabalhou a dramatização, onde as crianças foram muito autores daquela peça e se empolgaram bastante para fazer e gostaram muito. Eu acho que aquela parte do texto: a

formiguinha e a neve foi um ponto muito significativo para eles, porque a criatividade, o desejo de participar como autores foi muito significativo.

Professora (clube da leitura): O projeto trouxe uma metodologia diferente, pois teve várias situações inovadoras, no qual o projeto trouxe uma dinâmica diferente para trabalhar a leitura na escola, como as rodas de leitura, as gravações de vídeos, as contações de histórias no pátio, envolvimento com as músicas, a produção verbal e não verbal, criação de desenhos, histórias e a expressão corporal, ah! lembro da música “Ninguém é igual a ninguém”. Foi interessante os alunos/as terem escolhido livros da escola e levarem para casa semeando uma contação de histórias em família. Teve família que preparou um ambiente acolhedor para o momento da leitura. Foi significante nesta troca, o momento da culminância, onde a leitura trouxe os pais para sala de aula dos filhos/as, proporcionando uma abertura de diálogo entre família e escola. A leitura proporcionou momentos prazerosos e eu considero isso muito importante, no momento em que a tecnologia está tomando o espaço dessa leitura e, conseqüentemente, roubando a troca de afetividade entre filhos/as e família.